

VERA LUCIA ANUNCIACÃO COSTA

T-LET
COS

A ALTERNÂNCIA /l/ - /r/ NO GRUPO CONSONANTAL EM BOTELHOS - MG

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná para obtenção do grau de mestre em Letras na área de concentração em Lingüística de Língua Portuguesa.

CURITIBA
1990

Aos meus pais - Tianinha e Zezé - e a minha
filha Luisa, com amor.

AGRADECIMENTOS

A minha família, pelo ânimo e apoio.

Ao Marcus, pela presença constante e pela computação dos dados.

Aos amigos, pelo estímulo e carinho.

A Soninha e Margareth, pelo auxílio na revisão deste trabalho.

A Mateus Guidi, pelas informações fornecidas.

Aos botelhenses que colaboraram com esta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

Ao professor Dr. José Luiz da Veiga Mercer, orientador deste trabalho.

Ao professor José Borges Neto, pelo "ombro amigo".

A professora Dra. Cecília Inês Erthal, pela boa vontade, atenção e disponibilidade.

Ao professor Dr. Fernando Tarallo, pela leitura cuidadosa e por ter me ensinado que "não há nenhum obstáculo intransponível".

SUMARIO

LISTA DE TABELAS, GRAFICOS E QUADROS	v
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	7
CAPITULO II - METODOLOGIA	21
CAPITULO III - APRESENTAÇÃO DOS DADOS	28
CAPITULO IV - INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	58
CAPITULO V - CONCLUSÃO	67
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	70
ANEXO	72

LISTA DE TABELAS, GRAFICOS E QUADROS

Figura 1 - Ocorrências de /l/ e /r/, segundo o Atlas Prévio dos Falares Baianos 17

Quadro 1.- Distribuição das ocorrências de (pl-) e (pr-), segundo o sexo dos informantes (APFB) 18

Quadro 2 - Distribuição das ocorrências de (pl-) e (pr-), segundo o grau de instrução dos informantes (APFB) 18

Tabela 1 - Atuação de sexo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal 29

Gráfico 1 - 29

Tabela 2 - Atuação de escolaridade sobre o uso de /r/ no grupo consonantal 30

Gráfico 2 - 30

Tabela 3 - Atuação de idade sobre o uso de /r/ no grupo consonantal 31

Gráfico 3 - 32

Tabela 4 - Atuação de estilo sobre a distribuição de /l/ e /r/ no grupo consonantal 33

Gráfico 4 - 33

Tabela 4a - Atuação de estilo sobre a distribuição de /l/ e /r/ no grupo consonantal, segundo sexo, escolaridade e idade 33

Gráfico 4a - Atuação de sexo e estilo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal 34

Gráfico 4b - Atuação de escolaridade e estilo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal 34

Gráfico 4c - Atuação de idade e estilo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal 35

Tabela 5 - Cruzamento entre escolaridade e sexo 36

Gráfico 5 - 36

Tabela 6 - Cruzamento entre escolaridade e idade 37

Gráfico 6 -	38
Tabela 7 - Cruzamento entre sexo e idade	39
Gráfico 7 -	39
Tabela 8 - Atuação de mídia sobre o uso de /r/ no grupo consonantal	40
Gráfico 8 -	40
Tabela 9 - Atuação de sensibilidade lingüística sobre o uso de /r/ no grupo consonantal	41
Gráfico 9 -	42
Tabela 10 - Atuação de <i>background</i> rural sobre o uso de /r/ no grupo consonantal	42
Gráfico 10 -	43
Tabela 11 - Cruzamento entre sexo e mídia	43
Gráfico 11 -	43
Tabela 12 - Cruzamento entre escolaridade e mídia	44
Gráfico 12 -	44
Tabela 13 - Cruzamento entre idade e mídia	45
Gráfico 13 -	45
Tabela 14 - Cruzamento entre sensibilidade lingüística e sexo	46
Gráfico 14 -	47
Tabela 15 - Cruzamento entre sensibilidade lingüística e escolaridade	48
Gráfico 15 -	48
Tabela 16 - Cruzamento entre sensibilidade lingüística e idade	49
Gráfico 16 -	49
Tabela 17 - Cruzamento entre <i>background</i> rural e sexo	50
Gráfico 17 -	50
Tabela 18 - Cruzamento entre <i>background</i> rural e escolaridade	51

Gráfico 18 -	51
Tabela 19 - Cruzamento entre <i>background</i> rural e idade	52
Gráfico 19 -	52
Tabela 20 - Contexto Fonológico Precedente à Variante /r/	53
Tabela 21 - Contexto Fonológico Seguinte à Variante /r/	54
Tabela 22 - Tonicidade	54
Quadro 3 - Atitude dos informantes em relação à variante /r/, segundo sexo e escolaridade	56

RESUMO

O presente trabalho trata da alternância entre as líquidas no grupo consonantal no dialeto de Botelhos (M.G.), investigada sob a perspectiva da Teoria da Variação. De acordo com o modelo, são levantados condicionamentos sociais e lingüísticos que possam influenciar na escolha das variantes /l/ ou /r/.

Os resultados mostram que o fenômeno apresenta correlação, em menor ou maior grau, com os fatores sociais estratificados - sexo, idade e escolaridade -, com os fatores não-estratificados - mídia, sensibilidade lingüística e *background* rural -, bem como com os fatores lingüísticos - contextos fonológicos precedentes e seguintes.

ABSTRACT

The present work deals with the alternation between the liquids within the consonantal groups in Botelhos (M.G.), which is investigated under the perspective of the Labovian Theory of Variation.

According to the model, social and linguistic variants are considered as possible relevant factors acting in the process of choosing between the variants /l/ or /r/.

The results reveal that the phenomenon shows correlation, in lower or higher degree, with the stratified social factors - sex, age and scholarity -, with the non-stratified social factors - media, linguistic sensibility and rural background -, as well as with the linguistic factors - the preceding and the following phonological contexts.

INTRODUÇÃO

Observando assistematicamente a fala da comunidade de Botelhos, pequena cidade do sul de Minas Gerais, deparamo-nos com grande quantidade de fenômenos fonológicos que poderiam ser estudados do ponto de vista sociolinguístico. Um desses fenômenos é a variação existente entre as consoantes líquidas /l/ e /r/ no grupo consonantal, que nos interessou mais de perto, principalmente por escassearem pesquisas sobre a matéria nos estudos sociolinguísticos.

A literatura nos apresenta a mera constatação, feita por alguns autores, da existência da alternância entre /l/ e /r/ em várias regiões brasileiras (VASCONCELLOS (1901), MARROQUIM (1945), MENDONÇA (1948) e NASCENTES (1953)¹⁴⁽²⁵⁷⁾). RODRIGUES, em sua tese de doutorado *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*, encontra na fala de alguns de seus informantes a ocorrência da referida alternância. HEAD (1985) também apresenta uma descrição das ocorrências dessa variação na linguagem popular da Bahia. No entanto, dentro da Teoria da Variação, parece haver apenas o trabalho de MOLLICA e PAIVA (1987). Por esse motivo pensamos ser válido estudá-lo em outro contexto, em busca de generalizações.

Outra motivação que nos impulsionou foi a constatação de que a alternância entre as líquidas está associada a forte estigmatização social. Exemplo disso é o fato de, nas últimas eleições presidenciais, um dos candidatos ao cargo -

Aureliano Chaves - ter sofrido críticas severas e zombarias até por parte da imprensa, devido a seu modo de falar. A revista Veja, de 23/08/89, ao final de um artigo intitulado "Sob a Sombra da Renúncia", escreve ironicamente:

... Como diz o próprio candidato, a campanha de Aureliano, hoje, é um broco de problemas**.

Outro artigo, do jornal "Folha de São Paulo", de 06/09/89, vale a pena ser reproduzido, pois o próprio título já revela sinais de preconceito lingüístico:

Na TV globo, Aureliano tropeça nas palavras mas consegue atacar o PFL**.

O candidato do PFL a presidente, Aureliano Chaves, não quer mais saber do PFL. Em sua última resposta no "Falanque Eletrônico" de anteontem, disse não ter "a menor preocupação em reconstruir" o partido. "Que os seus cacos se multipliquem. Vamos cuidar do futuro de outra maneira".

A primeira medida, para cuidar do futuro, seria contratar um fonoaudiólogo. Aureliano desmoraliza suas próprias declarações com tantos e tamanhos erros. No programa, começou com "a inflação não é uma coisa tão complexa" e acabou com o "multipliquem". Entre um e outro, inúmeros "gastos globais", "crásulas" e "farta de dinheiro".

Por trás dos soluços de pronúncia Aureliano tentou defender, pela primeira vez entre os candidatos conservadores, o Estado-empresário. Para ele o Estado-engenheiro.

Condenou com todas as letras - algumas erradas - a extinção do BNH. Condenou também os que "arruinam em grande parte" a administração da Eletrobrás, Petrobrás, Telebrás e Siderbrás com tarifas comprimidas" e depois fotografam perante a opinião pública a idéia de que a raiz da questão está na administração pública". Aureliano acha que assim está sendo moderno. "Me sinto na modernidade na medida em que estou defendendo o patrimônio nacional", disse enfaticamente e sem nenhum erro. O problema é que ninguém mais parece acreditar na sua modernidade. Como o próprio Aureliano reclamou, terminada a entrevista, ele é hoje um "incompreendido". Sobretudo pelos telespectadores***.

* - Sem grifo no original.

** - Nelson de Sá Correa, da reportagem local.

*** - Sem grifos no original.

Comentários desse tipo são comuns. Sabemos, porém, que se trata de uma questão de atitude sociolinguística manifestada pelos membros das comunidades em geral, pois não há nada inerente a uma forma linguística qualquer que a torne "melhor" ou "pior" que outra. Em toda comunidade de fala, são comuns e freqüentes as formas linguísticas em variação, formas essas chamadas "variantes linguísticas". Uma variante está sempre em concorrência com a outra, principalmente por motivos sociais e/ou políticos.

Neste estudo, trabalharemos com as "variáveis sociais estratificadas" e com as "variáveis sociais não - estratificadas"*. Dentro das primeiras, focalizaremos apenas o papel de **sexo, idade e escolaridade** na distribuição das variantes linguísticas em estudo, por julgá-los mais relevantes. O fator classe social, embora nos parecesse igualmente importante, não foi considerado devido à dificuldade em se operar com segurança o seu conceito tal como se apresenta na sociedade brasileira hoje. Das variáveis sociais não-estratificadas, abordaremos **mídia, sensibilidade linguística e background rural****. Este último foi considerado em razão de grande contingente da população da comunidade em estudo ter vivido no campo pelo menos parte de sua vida.

O estilo de fala também será investigado, correlacionado ao sexo, escolaridade e idade dos informantes.

* - Ver definição no CAPÍTULO I.

** - *Background rural* não consta dentre os fatores não-estratificados estabelecidos no RELATÓRIO "PROJETO SUBSÍDIOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO PROJETO CENSO A EDUCAÇÃO"

Quanto aos condicionadores lingüísticos, investigaremos os contextos fonológicos precedentes e seguintes e a tonicidade das palavras em análise.

As hipóteses deste trabalho são:

1) Quanto à escolaridade - os falantes com maior grau de escolaridade usam mais /l/ do que /r/, enquanto os de menor escolaridade favorecem /r/, considerando que a escola exerce pressão normatizadora sobre os falantes.

2) Quanto à idade - os mais jovens, por terem tido mais acesso à escola (supostamente) e por esse motivo terem tido maior contato com a norma-padrão, também falam mais /l/ que os mais velhos. Além disso, os mais jovens favorecem a variante padrão /l/, porque saem mais da cidade, principalmente em busca de estudo e trabalho e percebem a estigmatização social que /r/ carrega.

3) Quanto ao sexo - as mulheres fazem mais uso de /l/ do que os homens, levando em consideração estudos que mostram serem as mulheres mais sensíveis à variante padrão (FISHER (1958), WOLFRAM (1969)¹⁷⁽¹¹⁾, LABOV (1972), TRUDGILL (1974), DOWNES (1984)).

Outras hipóteses dizem respeito às variáveis sociais não-estratificadas:

1) Sensibilidade lingüística - quanto maior o grau de sensibilidade lingüística, menor a taxa de /r/ e quanto menor o grau de sensibilidade maior o uso dessa variante, levando em consideração o pressuposto de que as crenças relativas à linguagem podem exercer influência sobre o comportamento lingüístico dos indivíduos.

2) Mídia - falantes mais expostos aos meios de comunicação favorecem /l/, enquanto os menos expostos utilizam mais a variante estigmatizada, uma vez que a mídia veicula, normalmente, a norma padrão.

3) *Background* rural - aqueles com *background* não-rural privilegiam a variante padrão, e os falantes com *background* rural privilegiam a variante não-padrão; em vista de as pessoas que vivem na área urbana estarem mais sujeitas aos mecanismos de pressão em direção à norma padrão do que aquelas que moram na zona rural.

Finalmente, quanto aos condicionadores lingüísticos, embora os estudos feitos até o momento em variação fonológica em geral os tenham atestado, nossas hipóteses são que os contextos fonológicos precedentes e seguintes, bem como a tonicidade das palavras, não exercem influência na variação entre as líquidas no grupo consonantal, na medida em que parece não haver correlação perceptível entre o /r/ e outro fator fonológico contextual. Impressionisticamente, a freqüência da variante estigmatizada independe do modo ou do ponto de articulação, assim como da sonoridade dos traços vizinhos. A qualidade das vogais também parece não exercer influência.

Os objetivos desta dissertação são investigar a alternância /l/ - /r/ no grupo consonantal sob a perspectiva da Teoria da Variação, baseada no paradigma instituído por LABOV (1966), e verificar se os informantes percebem a estigmatização social de /r/.

Temos, neste trabalho, cinco capítulos. O primeiro tratará do referencial teórico e da revisão bibliográfica. O segundo abordará a metodologia utilizada na pesquisa de campo. No terceiro capítulo, os dados serão apresentados; no quarto os mesmos serão interpretados e, finalmente, o capítulo cinco concluirá o estudo.

CAPITULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

A sociolinguística tem como escopo o "estudo da linguagem em relação à sociedade" (LYONS, 1981, pp. 145). Segundo LYONS, esta é a mais ampla definição do termo "sociolinguística". Acrescenta ele que muitos lingüistas até a rejeitariam por ser por demais ampla. Levando em consideração esta definição, poderíamos dizer que os estudos sociolinguísticos abrangem a análise de problemas de comunicação entre os indivíduos - tanto no plano afetivo quanto nos planos social, econômico e outros -, problemas de barreiras lingüísticas causadas por concepções políticas, sociais, ideológicas ou étnicas, problemas relacionados à alfabetização de crianças e adultos, desenvolvimento lingüístico da criança, diglossia, bilingüismo, pidginização, criouliização, análise de dialetos, idioletos e socioletos, entre outros.

A literatura mostra que o termo "sociolinguística" surgiu em 1952, em um trabalho sobre a relação entre comportamento lingüístico e *status* social, publicado por H. C. CURRIE¹⁹⁽¹⁴⁾. Em 1962, em *The Ethnography of Speaking*, Dell HYMES¹⁹⁽¹⁴⁾ declarou que a sociolinguística devia ser a principal área de interesse dos antropólogos e criou o termo

language community, definido como um conjunto de pessoas que compartilha o mesmo modo de falar. Novo impulso é dado à ciência que surge, por William BRIGHT¹⁵⁽¹⁴⁾, em 1964, em sua conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, na Universidade da Califórnia, em que coloca como tarefa da sociolinguística a demonstração da covariação sistemática das variações lingüística e social e, talvez, até mesmo a demonstração de uma relação causal em uma ou outra direção, e tenta identificar as correntes de interesses independentes que percorrem a área de estudo. Outro trabalho de fundamental importância foi o de William LABOV, *The Stratification of English in New York City* - escrito em 1964 e publicado em 1966* -, em que o autor dá início à pesquisa empírica de variáveis lingüísticas e sociais.

A década de 1960 é marcada, nos Estados Unidos, pelas discussões sobre os métodos, campos e orientação da nova ciência, principalmente entre Joshua A. FISHMAN, D. HYMES, W. LABOV e A. D. GRIMSHAW¹⁵⁽¹⁴⁾. Havia, então, nesse país, acentuada tendência para estudos sobre bilingüismo, etnografia da fala, inglês padrão e não-padrão, relação entre linguagem e situação econômica, línguas pidgins e crioulas e estratégias de comunicação social.

Hoje, os estudos que salientam a relação entre língua e estrutura social apontam para o caminho da correlação ou da funcionalidade e, geralmente, têm assumido uma das seguintes posturas, de acordo com DITTMAR:

* - Norbert Dittmar considera 1964 o ano que marca o início das pesquisas sociolinguísticas e não a data em que o trabalho foi publicado.

1) A estrutura social é refletida pelo desempenho lingüístico, ou seja, categorias tais como classe socio-econômica, sexo, idade, entre outras, são refletidas pelo comportamento lingüístico de um determinado informante. Esta linha de pesquisa é típica da correlação.

2) O comportamento social pode ser condicionado pelo desempenho lingüístico: o comportamento social do indivíduo e sua percepção social são determinados pela aprendizagem social da linguagem. Esta linha retoma os estudos de Whorf e os argumentos defendidos por seus seguidores já foram derrotados pelos resultados obtidos dos estudos que seguem a primeira vertente e a terceira, a seguir.

3) A estrutura social (valores sociais de uma determinada comunidade, papéis sociais, status social, situações sociais) pode determinar o desempenho lingüístico. Essa orientação incorpora o "outro" no momento da análise, ressaltando a funcionalidade da fala e da variação que lhe é própria.

4) O desempenho lingüístico está relacionado de forma dialética com o comportamento social, isto é, existe uma relação mútua entre contexto social e comportamento lingüístico.

A sociolingüística moderna, com LABOV, insiste "na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada" (TARALLO, 1985, pp. 7). Foram os estudos de LABOV que possibilitaram estudar a fala em seu contexto social mediante a hipótese de que os fenômenos de variação na

língua são condicionados tanto por fatores internos à estrutura lingüística, como também por fatores ligados ao próprio falante e à situação real em que a comunicação se processa. O modelo variacionista - ou correlacional, ou ainda Teoria da Variação - focaliza a variação e mudança lingüísticas e se utiliza de refinada metodologia e sofisticação na explicação das mudanças lingüísticas. Essa sofisticação envolve métodos quantitativos, desenvolvidos por LABOV com a finalidade de garantir melhor organização dos dados e mensuração mais precisa do efeito dos fatores lingüísticos e sociais em um dado fenômeno, permitindo distinguir a interferência estatisticamente significativa daquela que é puramente casual, a partir de dados coletados empiricamente. Além disso, LABOV não concordava com os lingüistas de origem saussureana que trabalhavam em gabinete com um ou dois informantes ou pesquisavam seus próprios conhecimentos sobre a linguagem. Seguindo esse raciocínio foi que reagiu às teorias de CHOMSKY, não por pensar que não pudessem contribuir de maneira positiva para os estudos lingüísticos, mas por seguirem uma abordagem ideal. Com efeito, CHOMSKY (1965) fixa como campo de seus estudos a competência lingüística de um falante-ouvinte ideal, sem problemas de memória e pertencente a uma comunidade lingüística completamente homogênea.

Dentro do quadro teórico-metodológico proposto por LABOV, foram feitos muitos trabalhos sobre variação fonológica. Ele próprio, em sua dissertação de mestrado sobre a fala da comunidade de Martha's Vineyard (E.U.A.), analisou

a centralização do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/ e em sua tese de doutorado - *The Social Stratification of English in New York City* - volta a estudar traços fonológicos correlacionando-os aos fatores classe social, grau de formalidade da situação, sexo, idade e distribuição étnica. Uma das constatações desse trabalho foi que as mulheres utilizam mais as formas padrão do que os homens. WOLFRAM (1969)¹⁷⁽¹¹⁾, TRUDGILL (1974) e outros também desenvolveram trabalhos muito interessantes sobre a correlação de fenômenos fonológicos com categorias sócioeconômicas, acentuando a sua importância e motivando o aparecimento de outros trabalhos na área, inclusive no Brasil. GRYNER e MACEDO (1978/9)¹⁷⁽¹⁹⁾, por exemplo, investigaram a variação do /s/ pós-vocálico na fala de Cordeiro (R.J.), e constataram que os mais jovens e mais escolarizados empregam mais a aspiração e o apagamento, mostrando-se menos conservadores. Os mais velhos empregam mais a alveolar. Os falantes com maior grau de escolarização apresentam maior uso da palatal, revelando receber influência da capital. Quanto ao sexo, homens preferem a aspiração e mulheres dão preferência ao apagamento.

VOTRE (1978)¹⁷⁽¹⁹⁾ analisou a preservação das nasais e da vibrante final na fala de alfabetizando adultos, estudantes de segundo grau e universitários da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos foram: universitários do sexo masculino preservam mais a vibrante final do que as universitárias, não há diferenças relevantes entre homens e mulheres alfabetizando e o fator idade também não apresenta diferenças significativas, apesar de os mais jovens tenderem

a preservar um pouco mais a vibrante. O fator escolaridade mostrou-se mais relevante quanto à preservação da vibrante final, revelando diferença acentuada entre alfabetizados e universitários. Em relação à preservação da nasal final, apenas o fator escolaridade se mostrou significativo, apontando para uma tendência à conservação da nasal por parte dos universitários.

OLIVEIRA (1983)¹⁷⁽²⁴⁾ estudou a supressão da vibrante /r/ em final de palavra e em final de sílaba na fala de Belo Horizonte, e constatou que os mais jovens, os homens e os falantes de classe social baixa favorecem a queda de /r/ em final de palavra e os falantes acima de 40 anos e na faixa de 21 a 30 anos apresentam maior incidência de supressão de /r/ em final de sílaba. Constatou, ainda, que os homens e os falantes da classe média tendem a usar mais a forma não-padrão, sem /r/.

é possível notar que, na investigação do condicionamento social da linguagem, a literatura sociolinguística tem se concentrado, fundamentalmente, no papel dos fatores sexo, idade, escolaridade, situação geográfica, etnia e classe social. Usualmente, procura-se correlacionar o uso de variantes linguísticas a alguns desses fatores. Em 1986, no entanto, um grupo de sociolinguistas do Rio de Janeiro passou a examinar outros aspectos, além desse grupo de fatores, doravante denominados "variáveis sociais estratificadas". Os novos fatores foram nomeados "variáveis sociais não-estratificadas" e através deles procurava-se fornecer uma caracterização mais abrangente dos informantes,

relacionando-a com suas próprias características lingüísticas. Fazem parte desse novo grupo os fatores **mídia, sensibilidade lingüística, mercado ocupacional e renda**¹⁷⁽⁴⁾. Embora difíceis de mensuração objetiva, como reconhece o próprio grupo que as criou, essas novas variáveis sociais são importantes para a determinação do uso que o indivíduo faz da língua. Senão vejamos: a atividade profissional de um indivíduo geralmente determina o seu comportamento lingüístico. Determinados cargos exigem uma linguagem mais cuidadosa, enquanto outros não. A variável mercado ocupacional permitiria, então, correlacionar pressão da atividade profissional na distribuição de formas padrão e não-padrão.

A sensibilidade lingüística - entendida como consciência manifestada pelo falante a respeito da diversificação lingüística e sua atitude em relação a ela - também foi considerada importante porque, pressupondo-se que normalmente um determinado falante é capaz de reconhecer a existência de modalidades de fala diferentes da sua e atribuir-lhes valores, essas crenças relativas à linguagem exerceriam influência sobre o seu modo de falar. Assim, falantes com percepção e sensibilidade lingüísticas mais aguçadas tenderiam a falar de uma maneira mais cuidada.

A variável mídia foi considerada em razão da influência que os meios de comunicação exercem sobre os indivíduos no mundo moderno, sendo, pois, de se esperar que essa influência se estenda também à linguagem. Alguns programas de rádio e, em particular, de televisão teriam

papel bastante importante pelo fato de transmitirem um modo de vida agradável, levando muitas vezes o telespectador a imitar a linguagem caracterizada por eles. Dessa maneira, o tempo de exposição à mídia merece atenção, efetivamente, na questão social da linguagem.

Os rendimentos de um indivíduo podem certamente repercutir em sua maneira de viver e, conseqüentemente, exercer influência em seu comportamento lingüístico. Por esse motivo, a renda também foi considerada.

No estudo de MOLLICA e PAIVA (1987), sobre a variação entre as líquidas, foi observado somente o efeito de condicionamentos extralingüísticos e os dados foram submetidos a testes estatísticos de freqüência e probabilidade a fim de correlacionar variáveis sociais ao uso das variantes /r/ e /l/. Os resultados mostraram que, dentre as variáveis estratificadas, só a escolaridade tem relevância. Ela atua sobre o comportamento lingüístico padrão no fenômeno estudado a partir do colegial, sendo as probabilidades associadas ao primeiro grau acima de .50, significando favorecimento de /r/, variante estigmatizada. No colegial, a probabilidade cai para .16, significando um forte favorecimento a /l/, variante padrão.

Das variáveis não-estratificadas foram analisados os fatores renda, mídia e grau de sensibilidade lingüística. Quanto ao primeiro desses fatores, falantes com maior rendimento apresentam menor taxa de /r/, enquanto falantes de baixa renda têm maior tendência a usá-lo. Em relação à mídia, quanto maior a exposição aos meios de comunicação, maiores as

chances de inibição de /r/ e de emissão de /l/. Com respeito ao grau de sensibilidade lingüística dos falantes, quanto maior o grau de sensibilidade, maior a tendência à inibição de /r/, com probabilidade em torno de .32 e quanto menos sensível o falante, maior a possibilidade de emergir /r/, com probabilidade em torno de .73.

As autoras chegam à conclusão, primeiramente, de que a regra variável do emprego de /r/ em grupos consonantais é, de fato, sensível a condicionamentos extralingüísticos. Em segundo lugar, concluem que as variáveis extralingüísticas não-estratificadas parecem atuar mais do que as variáveis sociais estratificadas e que a escolaridade, nível de renda, mídia e sensibilidade lingüística se caracterizam como mecanismos de controle da variação, exercendo pressão normativa. Segundo elas, uma investigação diacrônica poderia fornecer elementos para maior compreensão do fenômeno no estágio atual da língua, uma vez que, na história do português, é possível observar a mudança de /l/ para /r/ na grande maioria dos grupos consonantais.

HEAD (1985), em seu artigo *A Alternância entre Consoantes Líquidas: Um Caso de Condicionamento Múltiplo*, trata da descrição das ocorrências da variação entre as líquidas /l/ e /r/ na linguagem popular rural da Bahia, tal como representada no *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (1963), enriquecida por uma abordagem histórica.

São discutidos os seguintes casos de alternância entre líquidas:

a) dentro do grupo consonantal, atingindo a segunda consoante do grupo, quer em início de palavra, quer em seu interior. Ex.: **plantação/prantação**, **neblina/nebrina** (sendo mais comum a variante "lebrina") e ainda as variantes de **óc(u)los e páb(u)lo**;

b) em posição final de sílaba não final de palavra (ex.: **rescaldo/rescardo**);

c) em posição intervocálica (ex.: **mareta/maleta**).

Consideraremos apenas a variação do primeiro tipo, visto que não nos interessamos, neste trabalho, pela troca de /l/ por /r/ em posições outras que não em grupos consonantais.

A figura 1, apresentada por HEAD com base na carta 24 do APFB indica, por local, todas as ocorrências das variantes de /l/ e /r/ nas palavras **plantação**, **planta** e **plantio**. Pode-se observar que a alternância é generalizada e que uma variante não se sobrepõe à outra com frequência apreciável, nem em área bem definida. De acordo com a contagem do autor, as duas variantes ocorrem nas respostas dos 28 informantes, e ambas foram encontradas em 24 locais - cada variante como forma exclusiva em 13 locais, e as duas variantes juntas em 11 locais. Devido à semelhança na frequência de ocorrência, e do fato de ambas as variantes se encontrarem em locais espalhados por todas as sub-regiões do estado baiano, parece ser a alternância entre lateral e vibrante uma propriedade generalizada de toda a região, sem condicionamento geográfico relevante.

Em face de a variação estar distribuída por todo o Estado, foi investigada a hipótese de ela estar condicionada a fatores extralingüísticos e foram obtidas as seguintes tabelas:

QUADRO 1 - Distribuição das ocorrências de [pl-] e [pr-] em **plantação**, **plantio** e **planta** segundo o sexo do informante. Dados do APFB, carta 24, "O processo de plantar"⁽¹⁵¹⁾.

SEXO	HOMENS	MULHERES
variante	n=23	n=33
[pl-]	39%(9/23)	58%(19/33)
[pr-]	61%(14/23)	42%(14/33)

QUADRO 2 - Distribuição das ocorrências das variantes [pl-] e [pr-] segundo o grau de instrução do informante. Dados do APFB, carta 24, "O processo de plantar"⁽¹⁵¹⁾.

GRAU DE INSTRUÇÃO			
	ANALFABETOS	SEMI-ANALFABETOS	INSTRUÇÃO PRIMARIA
	(n = 46)	(n = 8)	(n = 2)
[pl-]	43%(20/46)	75%(6/8)	100%(2/2)
[pr-]	57%(26/46)	25%(2/8)	

Conforme indicam as tabelas 1 e 2, a ocorrência da variante [pl-] em **plantação**, **planta** e **plantio** é favorecida pelos graus de instrução superiores ao analfabetismo e pelo sexo feminino, enquanto a ocorrência de [pr-], característica da linguagem popular, é favorecida pelo sexo masculino e pelos analfabetos.

Quanto à evolução, a alternância entre a lateral e a vibrante como segundo membro de grupo consonântico em início de palavra - exemplificadas no APFB pelas variantes de **plantação, planeta, clavícula, flor, etc.** - representam, em cada caso, duas possibilidades: **pl>pl** e **pl>pr**, **cl>cl** e **cl>cr** ([kl]>[kl] [kl]>[kr]), **fl>fl** e **fl>fr**.

A evolução com passagem de lateral para vibrante, nessas condições, é conhecida desde a evolução geral do latim para o português (**plica > prega, clavo > cravo, flaccu > fraco**), sendo uma das duas evoluções comuns. A outra evolução era com a passagem dos grupos **pl-**, **cl-** e **fl-** para [ʃ], sibilante palatal surda (**planu > chão, clamare > chamar, flamma > chama**). A manutenção da lateral como segundo membro do grupo consonantal, em início de palavra, representa uma possibilidade diacrônica mais recente, típica de palavras que entraram na língua numa época posterior à evolução do latim vulgar para o português, ou então por via erudita.

A alternância entre a lateral e a vibrante, como segundo membro do grupo consonantal, em posição interna de palavra, representa também duas possibilidades de evolução em cada caso; essa alternância é exemplificada, no APFB, pelas variantes de **neblina** e por algumas das variantes de **óc(u)los** e **páb(u)lo**. As possibilidades são: - **bl->-bl-** e **-bl->-br-**, - **cl->-cl-** e **-cl->-cr-** ([kl]>[kl] e [kl]>[kr]). Neste caso, também é usual a evolução com passagem da lateral para a vibrante, conhecida desde a formação da língua portuguesa (**obligare > obrigar, nob(i)le > nobre, ecclesia > igreja**). A manutenção da lateral nessas condições só é típica da época

moderna da história da língua portuguesa, ou seja, a partir do século XVI.

O autor conclui que a variação existente entre consoantes líquidas é uma característica comum da linguagem popular baiana, tal como representada no APFB; que a forma inicial, neste tipo de alternância, apresenta a lateral e não a vibrante (por exemplo: **prantação** é a variante de **plantação** e **rescardo** e **rescaudo** são variantes de **rescaldo** e não o contrário); e que esse tipo de alternância é freqüente, seja em início de palavra ou não.

CAPITULO II

METODOLOGIA

Segundo DOWNES (1984, pp.84), a pesquisa lingüística da fala interessa-se pelos falantes enquanto indivíduos e enquanto membros de um grupo, o que causa dificuldade para o pesquisador: um determinado comportamento individual pode não estar de acordo com os padrões do grupo e os grupos podem exibir padrões não visualizáveis num único indivíduo. Para vencer esse problema, o lingüista categoriza tipos diferentes de grupos humanos, definidos segundo critérios geográficos, étnicos, sócioeconômicos, etários, entre outros. Além disso, os dados obtidos desses grupos necessitam de análise e para isso o lingüista deve observar a interação das variáveis sociais, bem como avaliar seu valor relativo em determinados escores.

Os estudiosos abordam as comunidades de fala com diferentes pressupostos sobre os grupos previamente determinados. Contudo, três são de particular importância e devem ser considerados nas práticas de pesquisa sociolingüística:

a) os indivíduos possuem um vernáculo - estilo no qual o mínimo de atenção é dado à fala - que constitui o dado mais sistemático para a análise da estrutura lingüística;

b) os indivíduos mudam de estilo, afastando-se do vernáculo, em situações em que prestam mais atenção à fala, produzindo a dimensão que vai do informal ao formal;

c) o lingüista necessita observar o vernáculo para coletar dados relevantes, mas sua presença pode alterar a naturalidade do evento de fala, tornando o estilo do falante mais formal do que seria, quando não observado, fato que LABOV chama de "paradoxo do observador".

A fim de solucionar esses problemas, existem três classes básicas de técnicas que podem ser utilizadas para investigar a fala, quais sejam:

- Observação anônima;
- Entrevista sociolingüística;
- Observação participante de grupos naturais e redes sociais.

Todas essas técnicas de investigação apresentam pontos fracos e fortes. A observação anônima, por exemplo, pode resolver o paradoxo do observador, desde que os falantes não saibam que estão sendo observados, mas não será fácil para o lingüista identificar e controlar os grupos sociais e a variação estilística. Deve-se considerar, ainda, que a privacidade dos indivíduos é, de certa forma, invadida com a utilização desta técnica, acarretando problemas éticos. Apesar de a entrevista sociolingüística também não ser um meio particularmente bom para se coletar o vernáculo, em vista de seu ponto de referência ser a fala evocada pela presença do próprio entrevistador e pela situação, é ela a forma clássica de investigação da fala, tal como desenvolvida

por LABOV (1966)¹⁷⁽⁹⁾. Uma maneira de se ter acesso ao vernáculo é a elaboração de meios que permitam obter quantidade maior possível de fala "espontânea" em situação a mais natural possível e, ainda, vencer o paradoxo do observador. LABOV utilizou-se do próprio paradoxo para definir um estilo de fala: a fala cuidada - aquela elicitada pelo entrevistador e que é usada como ponto de referência. O vernáculo é o estilo mais informal possível; leitura de trecho curto, de outra parte, é mais auto-consciente do que a fala cuidada e leitura de listas de palavras é ainda mais formal, só perdendo para a leitura de pares mínimos de palavras.

A escolha dos informantes também requer atenção. De modo a tornar a amostragem representativa, é necessário um mínimo de cinco informantes para cada célula social, ou seja, para cada combinação dos fatores extralingüísticos que possam estar condicionando a fala da comunidade em estudo.

A metodologia utilizada neste trabalho se baseia nesses preceitos labovianos, porém com uma modificação quanto ao estilo, em razão da natureza da entrevista*.

A identificação dos fatores que possam condicionar a variação a que está submetido o elemento em estudo é um passo indispensável na metodologia da Teoria da Variação. Esses fatores podem ser de natureza lingüística - fonológica, morfológica, sintática, etc.- ou de natureza extralingüística, ou seja, a variação de um fenômeno qualquer pode estar condicionada a características do falante, como

* - Ver abaixo.

sexo, idade, classe social, escolaridade, entre outros. Tanto os fatores de uma espécie quanto os de outra emergem das intuições do lingüista e da apuração dos dados e são testados no decorrer da análise.

O *corpus* do presente estudo foi formado a partir de entrevistas gravadas com 90 informantes, previamente selecionados de acordo com idade (20 a 30 anos; 31 a 40 anos; 41 a 50 anos), escolaridade (1^o grau; 2^o grau; 3^o grau) e sexo, nascidos na própria comunidade ou nela residentes desde os cinco anos de idade. A escolha desses três fatores, dentre tantos outros, foi feita levando em consideração a experiência acumulada pelos sociolingüistas e pelo conhecimento pessoal da realidade lingüística da comunidade. Os fatores sensibilidade lingüística, mídia e *background* rural também foram abordados, a fim de cercar todos os possíveis condicionadores que exerceriam influência no fenômeno em questão. A classificação dos falantes, nesta abordagem, foi feita segundo maior (+) e menor (-) presença do fator. Para sensibilidade lingüística, foi considerado o teste de atitude em relação às variantes, que buscava obter as opiniões do falante a respeito da diversidade lingüística. Era feita a leitura, por duas pessoas diferentes, de duas frases, cuja única diferença consistia na troca de /l/ por /r/ em uma palavra. Fazia-se ao informante, então, as seguintes perguntas:

- 1) Qual é a diferença entre as duas frases?
- 2) Qual é a profissão das pessoas que leram as frases?

3) De que região do Brasil é cada pessoa que leu cada frase?

4) Qual a maneira de falar que você acha mais bonita?

5) Você fala com "l" ou com "r"?

Se a diferença entre as frases era percebida e se o informante manifestava opiniões diferentes a respeito das duas variantes em questão, era classificado como mais sensível. Se a diferença não era percebida, o informante era considerado menos sensível.

Para o fator mídia, era perguntado ao falante se ouvia muito rádio e quais os programas de televisão a que assistia. Se a resposta era que ouvia pouco rádio e que só via o jornal e a novela das 8 horas, era classificado como menos exposto. Se dizia que via outras novelas e outros programas e ouvia rádio, mesmo pouco, era considerado mais exposto. Para *background* rural, as perguntas eram: "Você já morou na roça?" e "E os seus pais, já moraram?". Se uma das duas questões era respondida com "sim", o informante era considerado como possuidor de *background* rural.

A fim de verificar se os falantes possuem consciência da estigmatização de /r/, foi perguntado aos informantes se achavam feio ou bonito falar com /r/ e qual a opinião que julgavam que as outras pessoas tinham a respeito do /r/ e dos que o usam, se são ou não discriminados socialmente. Os informantes que respondiam que as pessoas acham feio falar com /r/ e que discriminam quem o usa, eram considerados conscientes da estigmatização desse traço.

Cada entrevista teve a duração máxima de uma hora e todas foram feitas em ambiente tranquilo e informal. Essa informalidade foi possível devido ao fato de ser a pesquisadora nascida na cidade em que foram realizadas as entrevistas e ter aí vivido grande parte de sua vida, conhecendo, conseqüentemente, quase todos os informantes. Quando não havia conhecimento direto, a aproximação era feita através de sua família, que sempre residiu na cidade e tem bastante contato com os moradores. Antes de começar cada gravação, a pesquisadora era sempre convidada a tomar café, enquanto respondia às perguntas do futuro entrevistado e/ou de seus familiares, que se interessavam em saber de sua vida e de pessoas de sua família que não mais residiam lá. Desse modo, ao iniciar a gravação de cada entrevista, já havia se estabelecido um clima de relativa informalidade. Por esse motivo, consideramos o estilo informal como sendo a própria entrevista. Os outros estilos considerados foram leitura de texto e leitura de lista de palavras. Para o primeiro, foi elaborado um texto curto, em que o assunto era uma partida de futebol entre Flamengo e Fluminense, que foi apresentado aos informantes depois de efetuado o questionário. Em seguida, uma lista de palavras retiradas do texto era também apresentada aos entrevistados, estando assim concluído o teste de estilo de fala. Houve o cuidado de, nessa fase do trabalho, contar aos informantes que o teste era de língua, para provocar maior atenção a leitura e obter dados de caráter mais formal possível²³⁽³¹⁾.

é conveniente ressaltar que, a fim de homogeneizar os dados dos vários informantes, o questionário-guia de entrevista constava de perguntas que abrangiam tópicos tais como dados pessoais do informante (sua infância, adolescência e vida atual), namoro, casamento, filhos, relacionamento com amigos e familiares, religião, política, futebol, entre outros.

Com relação à tabulação dos dados, cabe observar que, após a transcrição das gravações, foram eles quantificados, processados e submetidos ao teste de qui-quadrado, teste não-paramétrico de significância, utilizado para comparar duas ou mais amostras. Neste estudo, trabalhamos com o nível de aceitação (significância) de 95 % e 0,05 % de rejeição¹².

Finalmente, algumas informações a respeito da comunidade em que foi realizada a pesquisa. Botelhos é uma pequena e agradável cidade localizada no sul de Minas Gerais, distante 450 Km de Belo Horizonte e 350 Km de São Paulo. O município tem 22 mil habitantes (mais ou menos 9 mil na zona urbana) e área de 324 Km², quase toda destinada à agricultura - sobretudo café e milho - e à pecuária, com significativa produção de leite. A rede educacional é composta por várias escolas de 1^o grau e apenas uma escola de 2^o grau (Contabilidade e Magistério). Ao término do 2^o grau, muitos alunos saem da cidade para cursar faculdade, indo para Campinas, Belo Horizonte, São Paulo ou Rio de Janeiro. Alguns retornam a Botelhos após a conclusão de seus cursos, porém a maioria continua morando na cidade e faz curso superior nas

idades vizinhas de Poços de Caldas, Muzambinho, São João da Boa Vista e Machado.

CAPITULO III

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O objetivo deste capítulo é apresentar os resultados obtidos através da análise quantitativa das variáveis sociais estratificadas - escolaridade, sexo e idade -, das variáveis sociais não-estratificadas - mídia, sensibilidade lingüística e *background* rural - e, finalmente, dos fatores lingüísticos - contextos fonológicos precedentes e seguintes e tonicidade. Primeiramente, cada um dos fatores sociais estratificados será considerado isoladamente e depois será feito o cruzamento entre eles. Em seguida, procedimento semelhante será tomado em relação às variáveis sociais não-estratificadas. Serão considerados, um a um, todos os fatores desse grupo de variáveis e depois será efetuado seu cruzamento com os fatores estratificados. Esses cruzamentos têm como objetivo fornecer informações sobre as relações que mantêm entre si as variáveis consideradas. Por último, será apresentado quadro relativo à consciência de estigmatização social de /r/.

À seguir, serão apresentadas as tabelas referentes a cada fator, acompanhadas do resultado do teste de qui-quadrado e de gráfico.

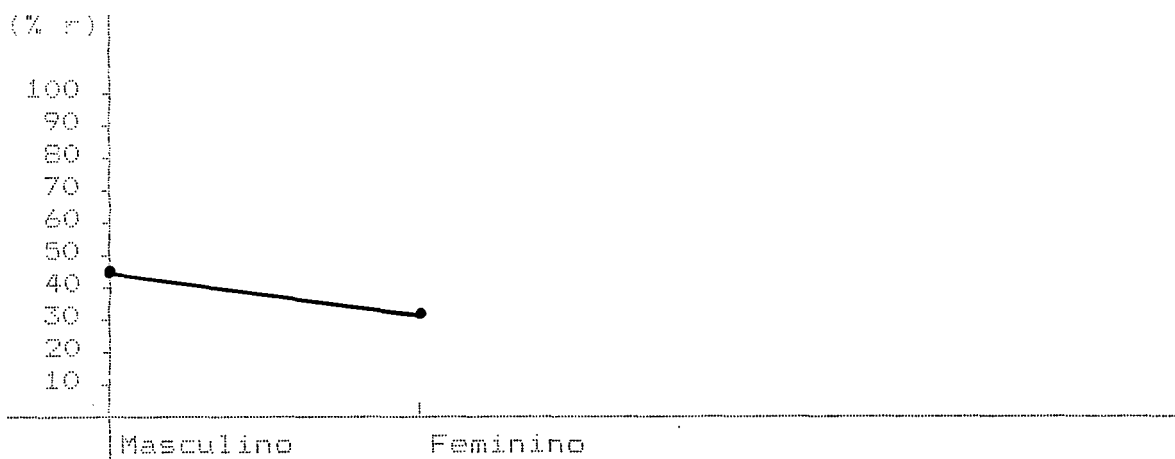
TABELA 1 - Atuação do fator estratificado sexo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

SEXO	APLICAÇÃO/TOTAL = %
Masculino	1317/2834 = 46
Feminino	653/2050 = 32

Qui-quadrado crítico 3,84

Qui-quadrado calculado 105,62

GRAFICO 1 -



Pelas percentagens obtidas, é possível notar que sexo é variável de grande relevância na distribuição de /l/ e /r/ no grupo consonantal, em razão da diferença marcante entre os falantes masculinos e os femininos (14 pontos percentuais). O sexo feminino privilegia a variante padrão /l/, o que vem corroborar nossa hipótese anterior e confirmar os estudos que apontam as mulheres como mais sensíveis forma-padrão*. Na

* - Ver página 11 deste trabalho.

tabela 2, temos os resultados referentes ao fator escolaridade.

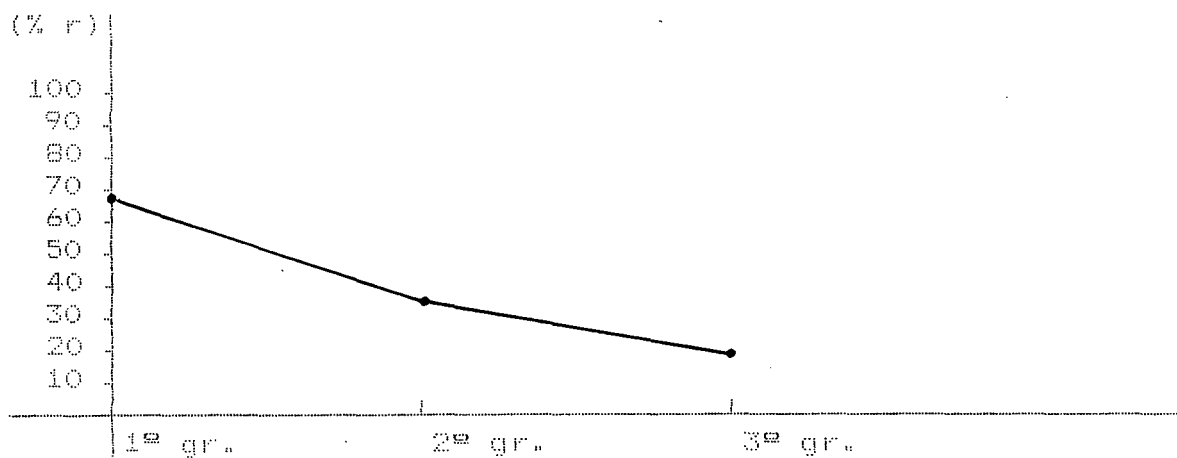
TABELA 2 - Atuação do fator estratificado escolaridade sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

ESCOLARIDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %
1º Grau	1006/1504 = 67
2º Grau	631/1737 = 36
3º Grau	333/1643 = 20

Qui-quadrado crítico 5,89

Qui-quadrado calculado ... 715,55

GRAFICO 2 -



Notamos, nessa tabela, que os falantes de 3º grau usam menos /r/ que os de 2º grau, que por sua vez o usam menos que os de 1º grau. A diferença entre os dois últimos níveis é bastante grande (16 pontos percentuais), mas a diferença mais expressiva está entre o 1º e o 2º graus, com 31 pontos

percentuais, número realmente considerável. Esses dados nos permitem afirmar que o nível de escolaridade atua de forma acentuada no uso das variantes /l/ e /r/, conforme hipótese colocada no início deste trabalho e também de acordo com os resultados obtidos por HEAD (1985), ao examinar o dialeto baiano à luz do APFB, e por MOLLICA e PAIVA (1987). Além disso, podemos postular que há uma linha limítrofe entre os dois primeiros graus. MOLLICA e PAIVA (1987) já haviam percebido que

... a escolaridade atua sobre o comportamento linguístico padrão no fenômeno em questão a partir do colegial: as probabilidades associadas aos níveis primário e ginásial estão acima de .50, significando o favorecimento à emergência de (r), variante não-padrão estigmatizada; somente no colegial, a probabilidade cai para .16, significando inibição da forma (r) e forte favorecimento à ocorrência de (l), segmento consoante o padrão culto¹⁶⁽²⁸⁹⁾.

A tabela 3 mostra os resultados para o fator estratificado idade.

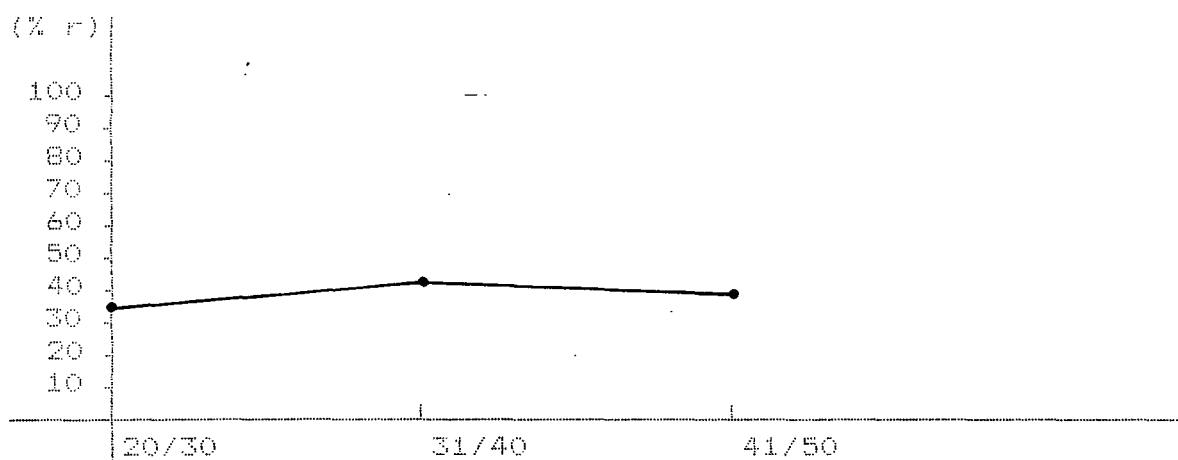
TABELA 3 - Atuação do fator idade sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

IDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %
20 a 30 anos	524/1440 = 36
31 a 40 anos	742/1707 = 43
41 a 50 anos	704/1737 = 41

Qui-quadrado crítico 5,89

Qui-quadrado calculado ... 16,31

GRAFICO 3 --



O fator idade também é pertinente na distribuição do fenômeno em exame, conforme nos indica o resultado encontrado no teste de qui-quadrado, mas não nos parece relevante, uma vez que apenas a diferença entre a 1ª e a 2ª faixa etária é significativa (7 p.p.). A idade compreendida entre 31 e 40 anos é a que apresenta maior uso de /r/, seguida da faixa entre 41 e 50 anos. Em terceiro lugar, temos a faixa etária mais jovem. Apesar de a diferença ser pequena, permite a confirmação da hipótese lançada ao início desse estudo, de que os mais jovens usam menos a variante estigmatizada. Esperávamos, contudo, que a faixa etária entre 31 e 40 anos ficasse em segundo lugar nessa hierarquia e a faixa de 41 a 50 anos, em último lugar, por estar há mais tempo fora da escola e, portanto, há mais tempo sem receber a pressão normativa que esta veicula.

Quanto ao estilo de fala, temos os seguintes resultados:

TABELA 4 - Atuação do estilo sobre a distribuição de /l/ e /r/ no grupo consonantal.

Estilos	Informal	Leitura de texto	Leitura de palavras
%	40	23	22

GRAFICO 4 -

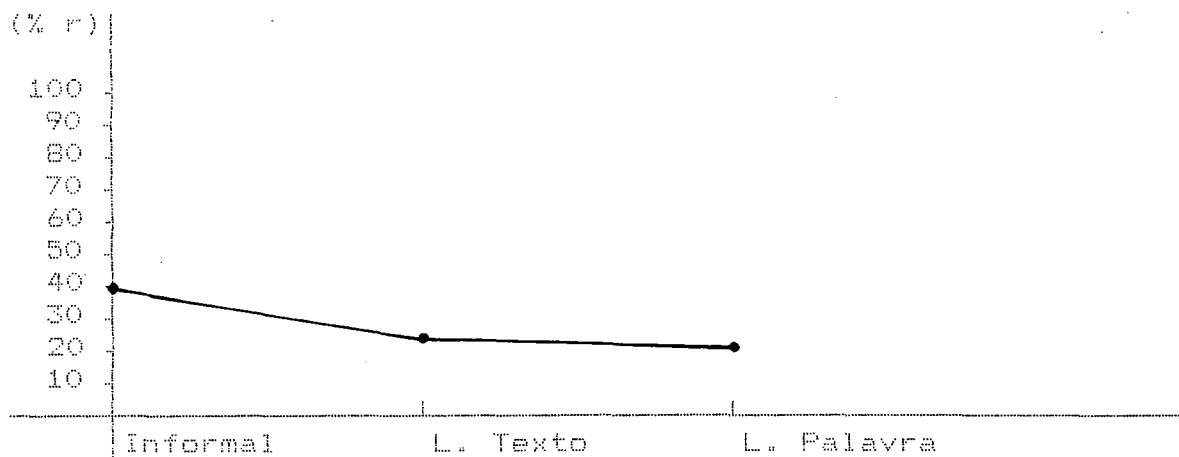


TABELA 4a - Atuação do estilo sobre a distribuição de /l/ e /r/ no grupo consonantal, segundo sexo, escolaridade e idade.

Estilos	Sexo		Escolaridade			Idade		
	M	F	1º grau	2º grau	3º grau	20-30	31-40	41-50
Informal	46	31	66	36	20	36	43	40
Leitura de texto	26	19	42	15	11	19	23	26
Leitura de palavras	25	18	38	18	9	14	29	22

GRAFICO 4a - Atuação de sexo e estilo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

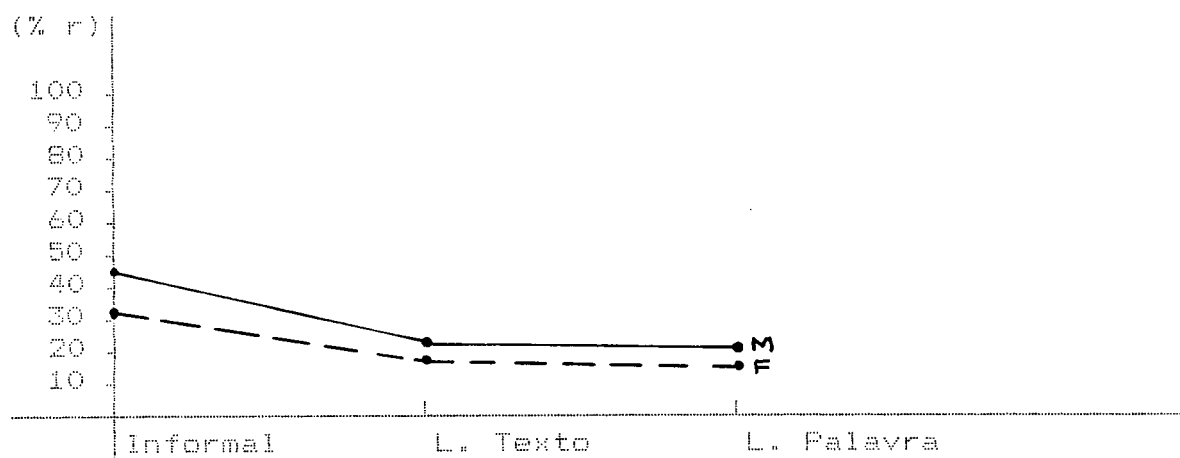


GRAFICO 4b - Atuação de escolaridade e estilo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

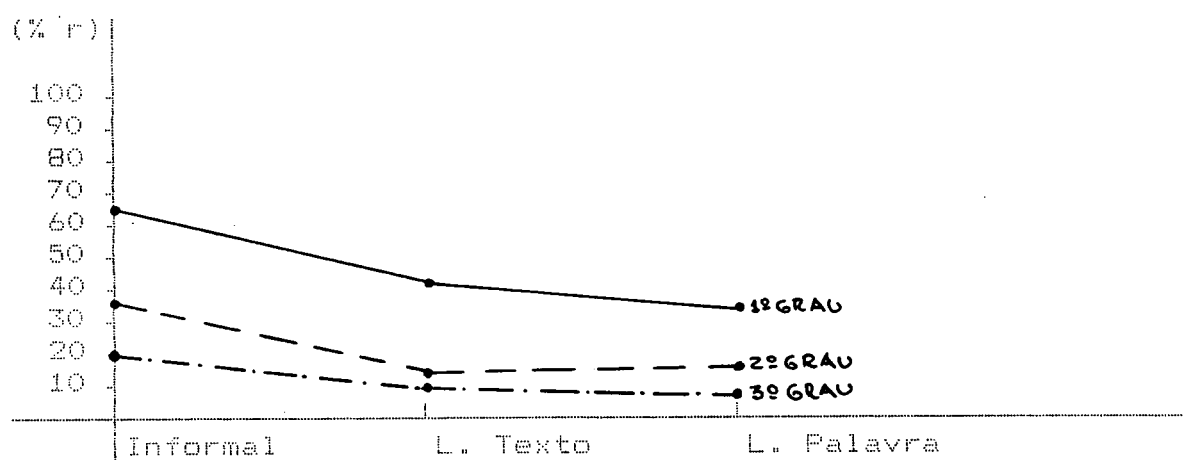
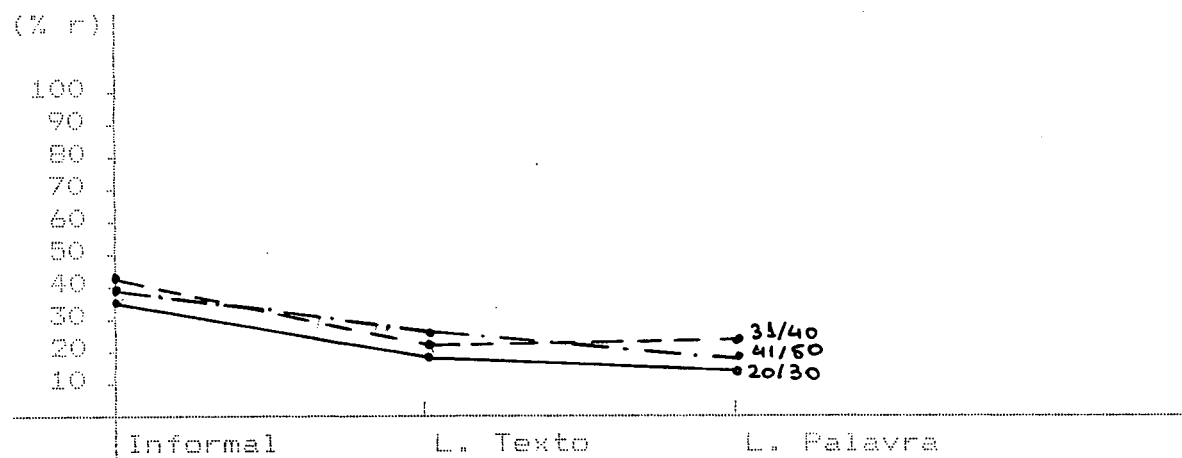


GRAFICO 4c - Atuação de idade e estilo sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.



Através desses gráficos, podemos perceber que o estilo de fala atua fortemente sobre a variação entre /l/ e /r/: quanto mais formal, maior o uso da variante padrão e quanto mais informal, maior o uso da forma estigmatizada.

No cruzamento com sexo, notamos que as mulheres - como era de se esperar - são mais influenciadas pelas situações de fala, utilizando menos a forma estigmatizada do que os homens.

Ao cruzarmos escolaridade com estilo, verificamos que os falantes de 2º grau usam mais /r/ na situação de leitura de palavras do que em leitura de texto, formando um grupo particular dentre os sujeitos. Da mesma maneira, os falantes de 31 a 40 anos também têm um comportamento lingüístico que foge um pouco às expectativas, quando nos cruzamentos que serão apresentados mais adiante. No gráfico 4c, já é possível observar este fato: em leitura de texto, usa menos /r/ do que

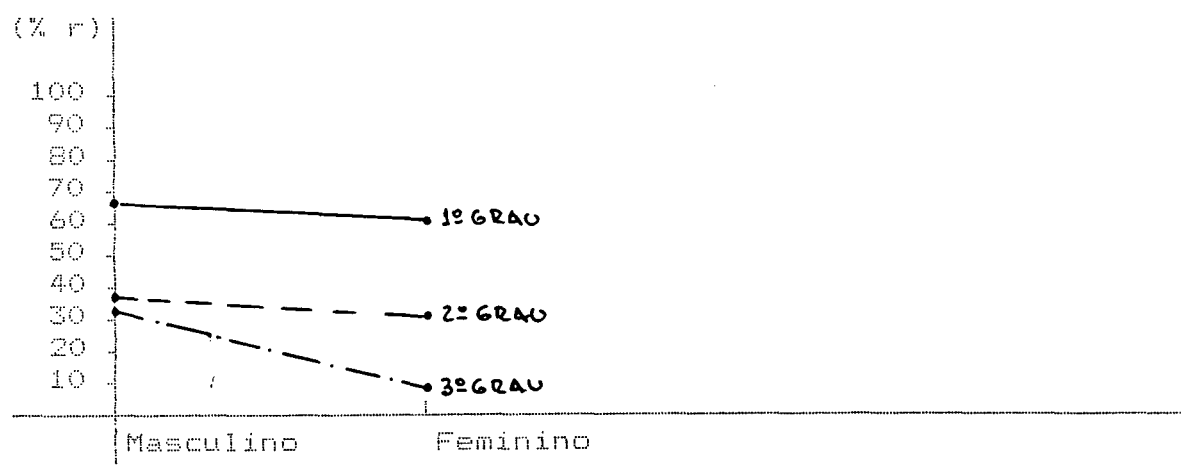
o grupo mais velho (não seguindo o mesmo padrão visto na tabela 3) e no estilo leitura de palavras usa mais esta variante*.

A seguir, os cruzamentos entre os fatores estratificados:

TABELA 5 - Cruzamento entre escolaridade e sexo.

SEXO ESCOLARIDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %	
	Masculino	Feminino
1º grau	619/916 = 68	387/588 = 66
2º grau	417/1060 = 39	214/677 = 32
3º grau	281/858 = 33	52/785 = 7

GRAFICO 5 -



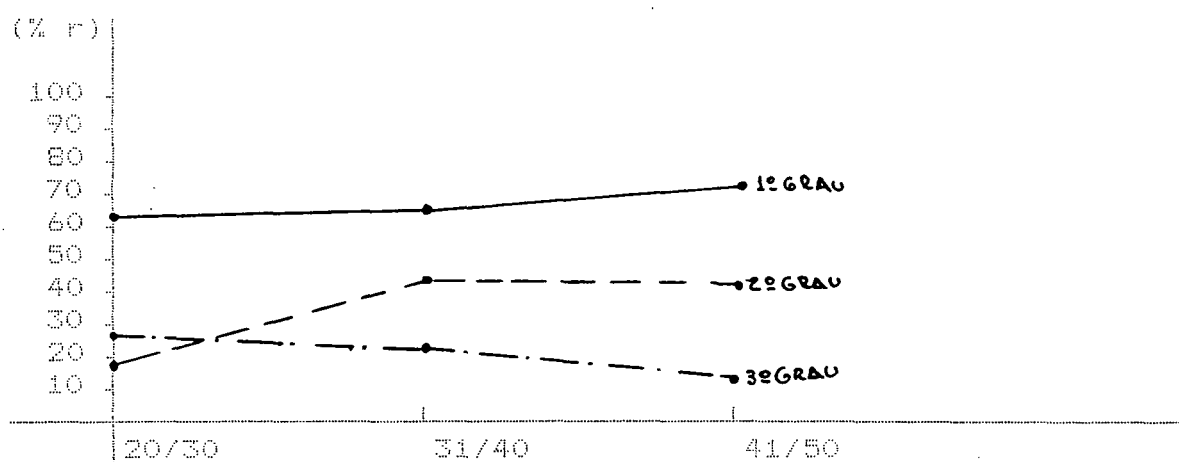
* - Tentaremos explicar o comportamento desses dois grupos no CAPÍTULO IV.

No 1º grau, a diferença percentual entre homens e mulheres praticamente inexistente; no 2º grau, a diferença é de apenas 7 pontos percentuais e no 3º grau é que se estabelece a diferença significativa de 26 pontos percentuais. É interessante notar que a linha divisória que separa os dois primeiros graus de escolaridade, referida acima, é válida tanto para o sexo masculino quanto para o feminino. Para os homens, a diferença é de 29 pontos percentuais e para as mulheres é de 34 pontos. Elas são, portanto, mais afetadas pela escolaridade do que os homens. Isto é confirmado também pelas diferenças entre os dois últimos níveis de escolaridade. Os homens de 3º grau apresentam escore de apenas 6 pontos percentuais inferior aos de 2º grau, enquanto as mulheres de 3º grau têm percentagem de 25 pontos a menos em relação às de 2º grau.

TABELA 6 - Cruzamento entre escolaridade e idade

ESCOLARIDADE IDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %		
	1º grau	2º grau	3º grau
20 a 30 anos	305/473 = 64	94/496 = 19	125/471 = 27
31 a 40 anos	336/514 = 65	265/596 = 44	141/597 = 24
41 a 50 anos	365/517 = 71	272/645 = 42	67/575 = 12

GRAFICO 6 -



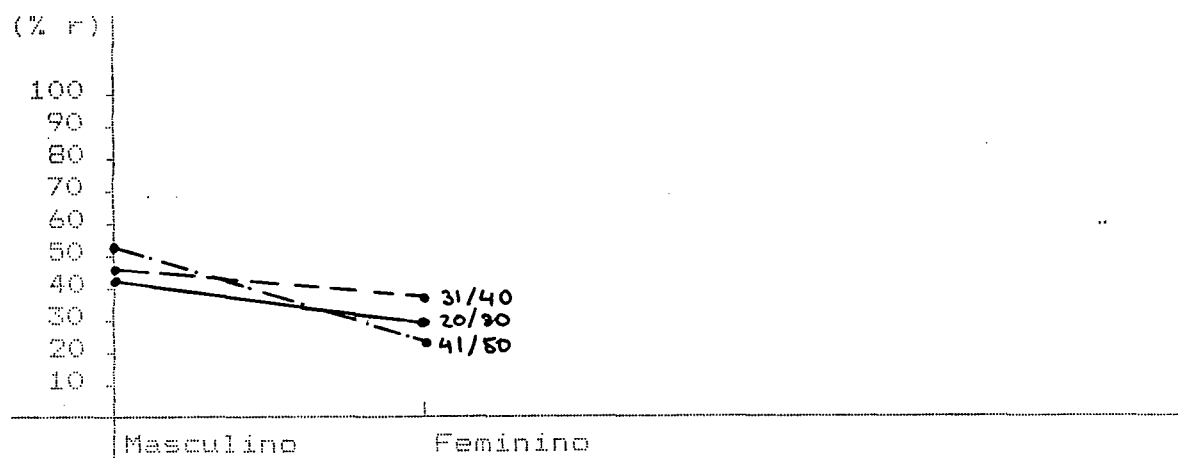
A idade, isoladamente, não apresenta hierarquia regular de uso de /r/, conforme nos indica a tabela 3, acima. Entretanto, quando cruzada com escolaridade, vemos que apenas o 2º grau segue o mesmo padrão da referida tabela 3. Nesse nível de escolaridade, a primeira faixa etária registra taxa de 19 pontos percentuais, a segunda de 44 pontos percentuais e a terceira de 42 pontos. Podemos perceber, por esses valores, que os dois últimos grupos etários quase se confundem. Porém, a diferença do primeiro grupo para o segundo de é 25 pontos! Enquanto a tabela 3 mostra diferença mínima entre os dois primeiros grupos etários, nessa, em que cruzamos idade e escolaridade, a diferença é bastante grande, indicando que a faixa de 20 a 30 anos forma um grupo à parte dos outros. Já no agrupamento que cruza 1º grau com idade, temos diferença pequena entre as três faixas de idade, dispostas numa hierarquia que cresce conforme aumentam as faixas etárias. Contrariamente, no cruzamento de idade e 3º grau, a hierarquia é decrescente. Enquanto no 2º grau o grupo

de 20 a 30 anos é o que menos apresenta uso de /r/, no 3º grau esse é o grupo em que encontramos a maior taxa dessa variante. Nesse nível de escolaridade, a diferença entre os dois primeiros grupos etários é pequena, mas entre 31 a 40 anos e 41 a 50 anos de 12 pontos percentuais, marcação significativa.

TABELA 7 - Cruzamento entre sexo e idade.

SEXO IDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %	
	Masculino	Feminino
20 a 30 anos	342/838 = 41	182/602 = 30
31 a 40 anos	452/979 = 46	290/728 = 40
41 a 50 anos	523/1017 = 51	181/720 = 25

GRAFICO 7 -



Observamos, aqui, que os homens mais jovens apresentam menor uso da variante estigmatizada /r/, seguidos dos de meia idade e, por último, dos mais velhos, seguindo uma linha

regular. Por outro lado, o cruzamento entre sexo feminino e idade nos mostra que as mulheres mais velhas são as que usam menos essa variante. Em segundo lugar, aparecem as mulheres mais jovens e em terceiro vêm as de 31 a 40 anos. Mais uma vez é possível notar o apego das mulheres à forma padrão.

A tabela 8, a seguir, diz respeito à mídia:

TABELA 8 - Atuação do fator não-estratificado mídia sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

MÍDIA	APLICAÇÃO/TOTAL = %
+	916/2583 = 35
-	1054/2301 = 46

Qui-quadrado crítico 3,84

Qui-quadrado calculado ... 25,49

LEGENDA:

(+) - Maior exposição à mídia

(-) - Menor exposição à mídia

GRÁFICO 8 -



É possível notar que a diferença entre os resultados é bastante significativa: confirmando a hipótese inicial, o /r/ é mais utilizado pelos falantes menos expostos à mídia.

Outra hipótese, colocada no início do trabalho, é a de que o maior grau de sensibilidade lingüística leva o falante a usar mais /l/ do que /r/. Através da tabela 8, constatamos que assim é, efetivamente: há uma diferença marcante (44 pontos percentuais) entre aqueles que se apresentam como mais sensíveis lingüisticamente e aqueles que mostram pequeno grau de sensibilidade.

TABELA 9 - Atuação do fator não-estratificado grau de sensibilidade lingüística sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

SENS. LING.	APLICAÇÃO/TOTAL = %
+	681/2954 = 23
-	1289/1930 = 67

Qui-quadrado crítico 3,84

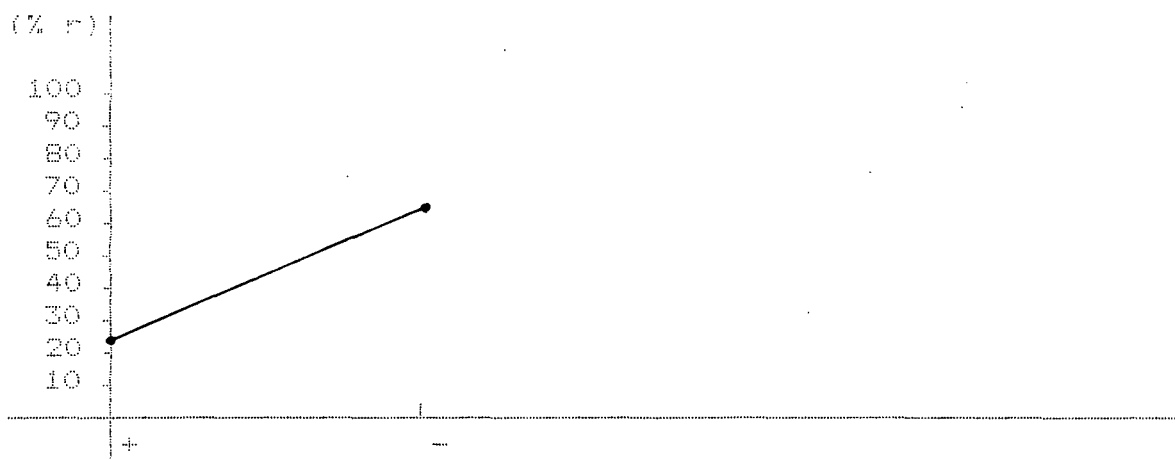
Qui-quadrado calculado 366,61

LEGENDA:

(+) - Maior grau de sensibilidade lingüística

(-) - Menor grau de sensibilidade lingüística

GRAFICO 9 --



Postulávamos, também, no início do trabalho que, se o informante possuísse antecedentes rurais, faria mais uso da variante não-padrão. Os resultados mostram que isto é verdadeiro, embora a diferença percentual entre aqueles que possuem *background* rural e os que não possuem seja pequena (6 pontos percentuais).

TABELA 10 - Atuação do fator não-estratificado *background* rural sobre o uso de /r/ no grupo consonantal.

BACKGROUND RURAL	APLICAÇÃO/TOTAL = %
+	1448/3438 = 42
-	522/1446 = 36

Qui-quadrado crítico 3,84

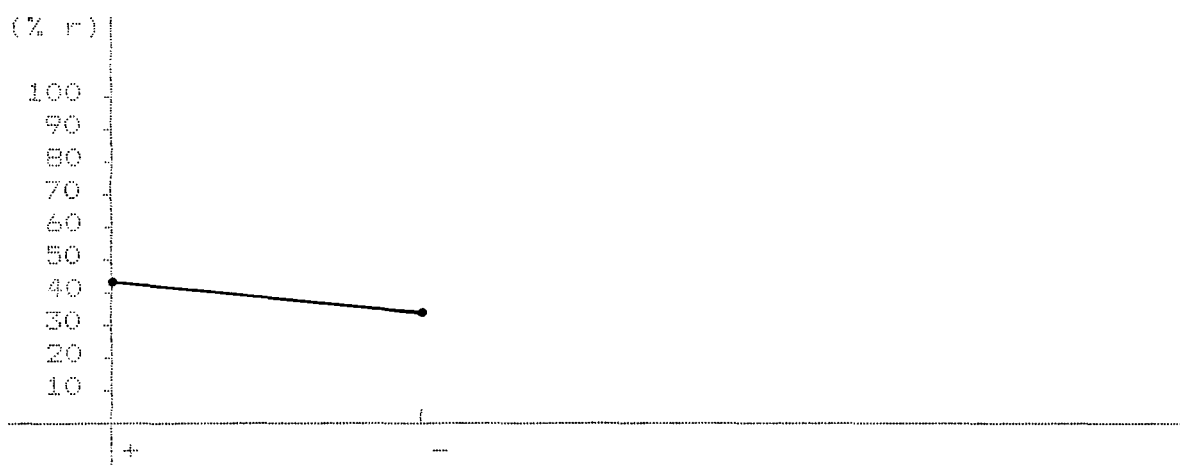
Qui-quadrado calculado ... 366,61

LEGENDA:

(+) - O informante possui antecedentes rurais

(-) - O informante não possui antecedentes rurais

GRAFICO 10 --

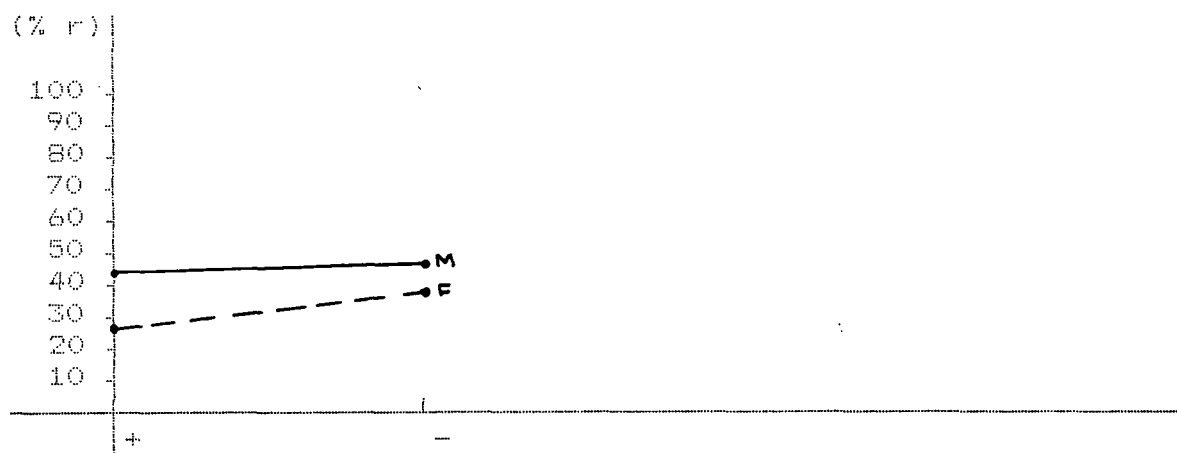


O cruzamento dos fatores nos forneceu as seguintes tabelas:

TABELA 11 - Cruzamento de sexo e mídia.

SEXO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	
	Masculino	Feminino
+	541/1228 = 44	375/1355 = 28
-	776/1606 = 48	278/695 = 40

GRAFICO 11 --

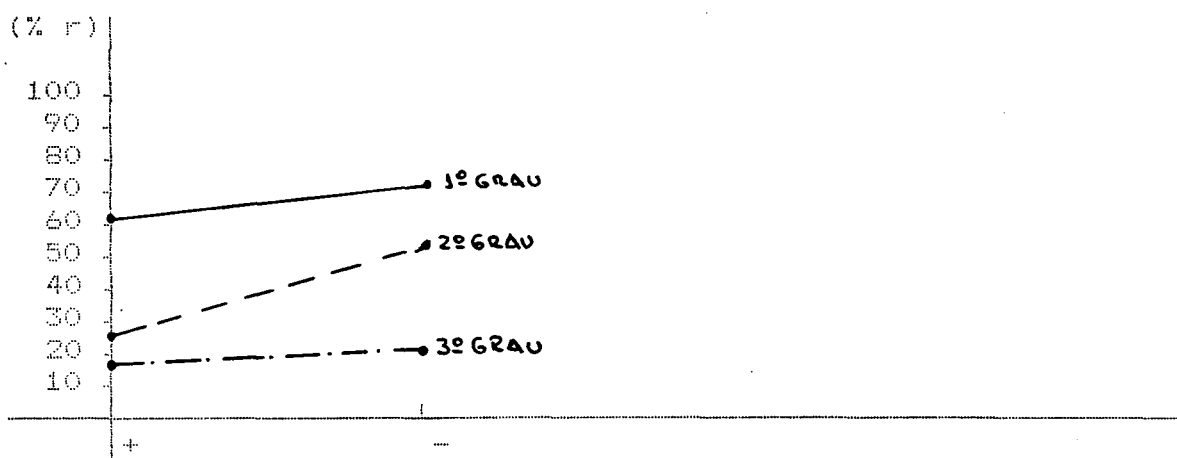


As taxas de /r/ para ambos os sexos são menores quando o grau de exposição aos meios de comunicação é maior e isto significa que tanto homens quanto mulheres são influenciados pela mídia. No entanto, entre os mais expostos a ela, a diferença entre homens e mulheres é marcante (16 p.p.), ao passo que a diferença é menor entre os informantes masculinos e femininos menos expostos (8 p.p.).

TABELA 12 - Cruzamento entre escolaridade e mídia.

ESCOLARIDADE MÍDIA	APLICAÇÃO/TOTAL = %		
	1º grau	2º grau	3º grau
+	493/805 = 61	295/1101 = 27	128/677 = 19
-	513/699 = 73	336/636 = 53	205/966 = 21

GRÁFICO 12 -



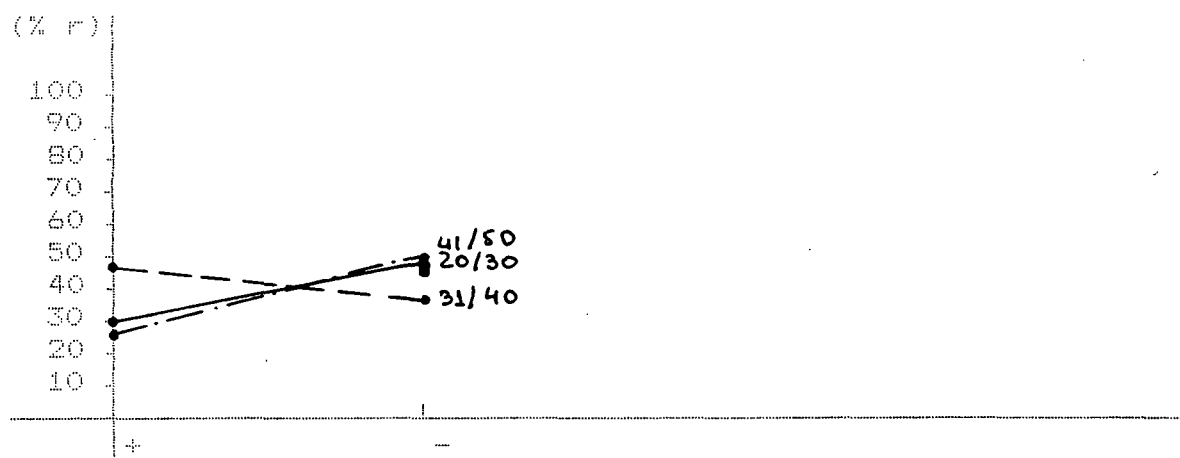
Entre os informantes mais expostos à mídia, o 2º e o 3º graus tendem a formar um bloco só por oposição ao 1º grau, ao passo que entre os menos expostos os intervalos

percentuais são praticamente equivalentes entre os três níveis de escolaridade. No 1º e 2º graus podemos perceber diferenças significativas entre os mais e os menos expostos (12 p.p. e 26 p.p., respectivamente) e no 3º grau parece haver neutralização entre esses dois fatores.

TABELA 13 - Cruzamento entre idade e mídia.

IDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %		
	20 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos
+	275/929 = 30	431/897 = 48	210/757 = 28
-	249/511 = 49	311/810 = 38	494/980 = 50

GRAFICO 13 -



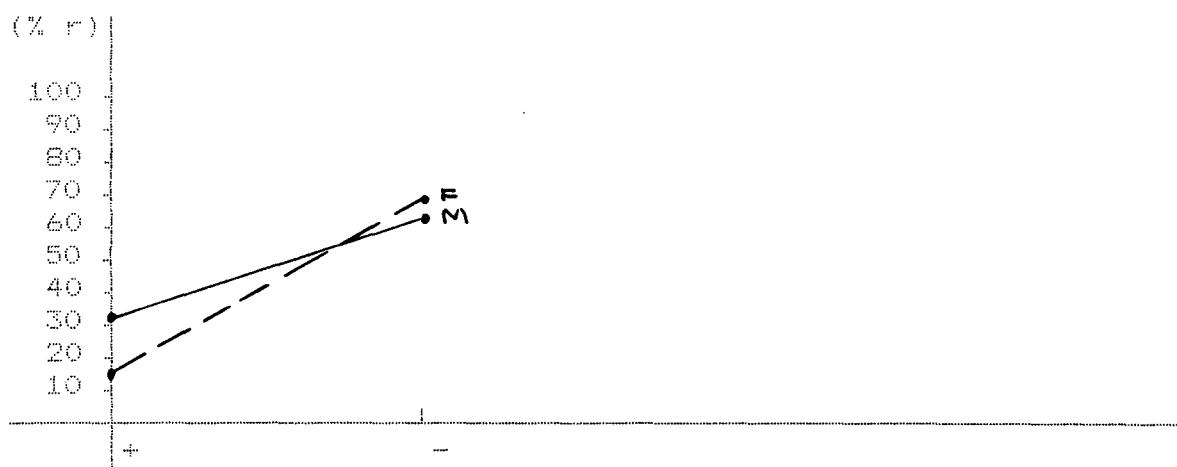
Na tabela 3, vimos que a idade mais suscetível ao uso de /r/ é a que compreende a faixa de 31 a 40 anos. Nessa tabela vemos que isto é verdadeiro apenas para os falantes que estão mais expostos à mídia. Eles apresentam taxa de /r/ de 48 pontos percentuais, superior àquela dos falantes mais

jovens (30 p.p.) e dos mais velhos (31 p.p.). Entretanto, o escore da mesma variante para a mesma faixa etária (31 a 40 anos), é para os falantes com menor grau de exposição à mídia, significativamente menor do que o escore obtido na primeira e terceira faixas etárias. O padrão de distribuição frequencial dos informantes mais expostos é praticamente o inverso do apresentado pelos informantes menos expostos, não se percebendo nenhuma regularidade na relação entre idade e mídia. Outra informação fornecida por essa tabela diz respeito à diferença existente entre os mais e os menos expostos aos meios de comunicação: no primeiro grupo etário é de 19 pontos, no segundo é de 10 pontos e no grupo mais velho é de 26 pontos percentuais.

TABELA 14 - Cruzamento entre sensibilidade lingüística e sexo.

SEXO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	
	Masculino	Feminino
SENS. LING.		
+	469/1534 = 31	212/1420 = 15
-	848/1300 = 65	441/630 = 70

GRAFICO 14 -

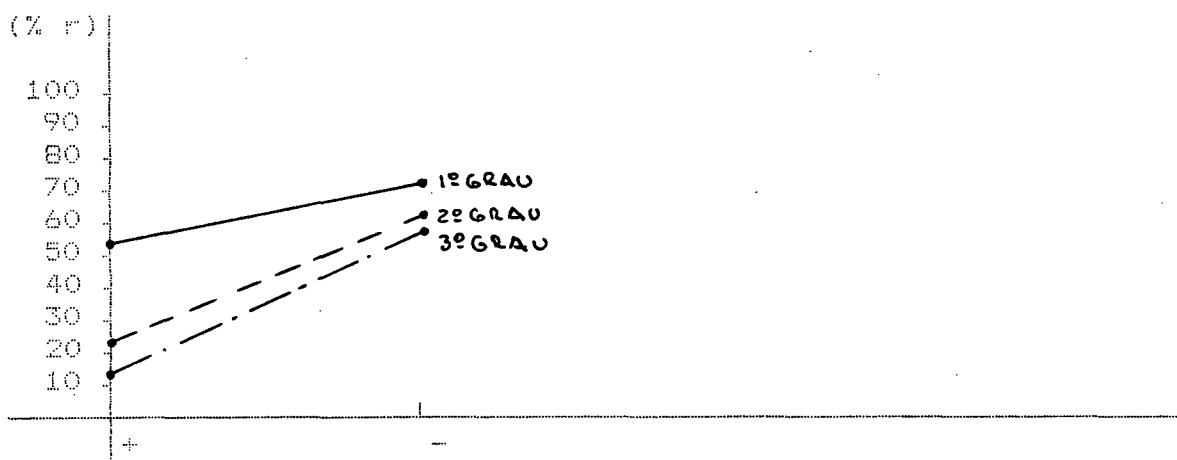


Essa tabela nos mostra que, no grupo com maior sensibilidade lingüística, as mulheres usam muito menos a variante estigmatizada do que os homens. Curiosamente, porém, entre os informantes de menor sensibilidade as mulheres usam mais /r/ do que os homens. O que se pode dizer é que no menor grau de sensibilidade lingüística, apaga-se a diferença marcada entre homens e mulheres. Verticalmente, temos a confirmação de que o grau de sensibilidade lingüística é realmente importante na distribuição dos segmentos em estudo, uma vez que entre os mais e os menos sensíveis a diferença é de 34 pontos percentuais no sexo masculino e de 55 p.p. no feminino.

TABELA 15 - Cruzamento entre sensibilidade lingüística e escolaridade.

ESCOLA- RIDADE SENS.LING.	APLICAÇÃO/TOTAL = %		
	1º grau	2º grau	3º grau
+	248/464 = 53	261/1135 = 23	172/1355 = 13
-	758/1040 = 73	370/602 = 61	161/288 = 56

GRAFICO 15 --



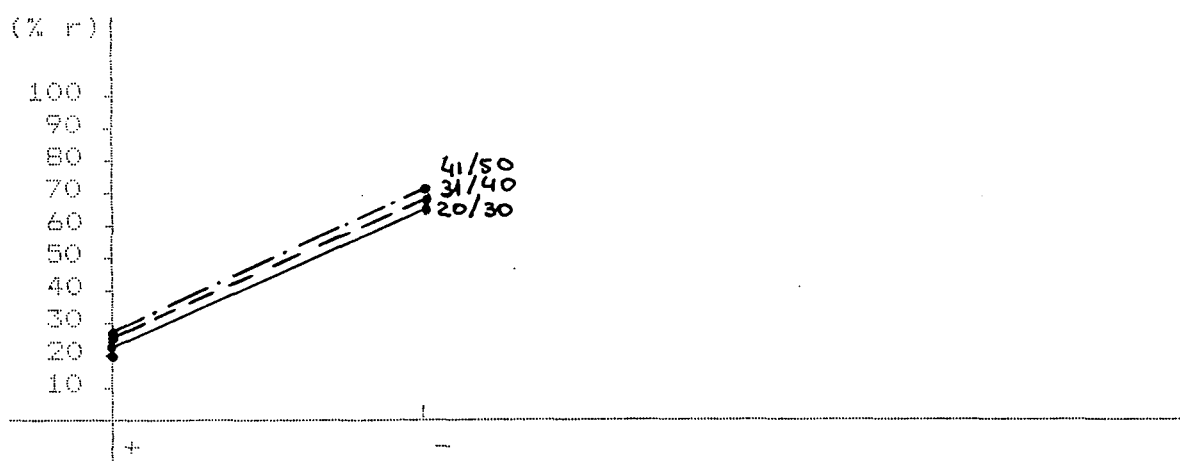
Notamos, aqui, que há uma ordem decrescente nas percentagens de /r/, do 1º para o 3º grau, tanto nos falantes que apresentam mais sensibilidade lingüística quanto nos que apresentam menos. Todavia, a razão do intervalo não é a mesma entre esses dois grupos: no de maior sensibilidade a diferença segundo a escolaridade fica mais marcada. A diferença entre os dois primeiros níveis de escolaridade, naqueles mais sensíveis, é muito significativa - 30 pontos percentuais -, enquanto a diferença do 2º para o 3º grau, embora grande, cai para 10 pontos. Nos menos sensíveis lingüisticamente, também encontramos diferença bastante

relevante entre o 1º e o 2º grau (12 p.p.) e diferença um pouco menor entre o 2º e o 3º níveis de escolarização (5 p.p.). Isto comprova que há, realmente, separação muito nítida entre 1º grau, de um lado, e 2º e 3º graus, de outro.

TABELA 16 - Cruzamento entre sensibilidade lingüística e idade.

IDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %		
	20 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos
SENS. LING. +	203/949 = 21	191/868 = 22	287/1137 = 25
-	321/491 = 65	551/839 = 66	417/600 = 70

GRÁFICO 16 -



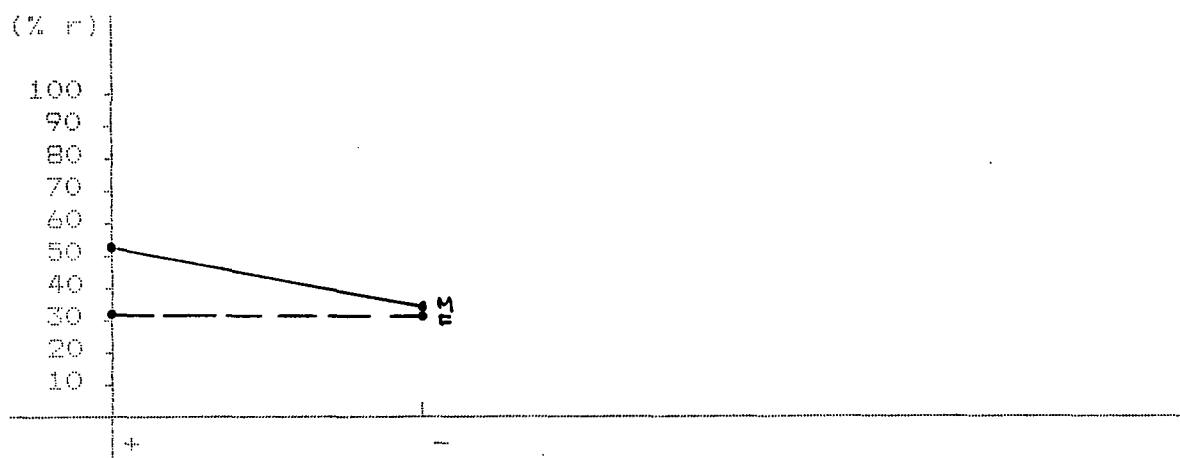
Podemos observar que tanto os mais sensíveis quanto os menos sensíveis apresentam maior percentagem da variante estigmatizada na idade mais avançada, depois na intermediária e, em último lugar, no grupo mais jovem. Observamos que a diferença entre os escores das faixas etárias em ambos os

graus de sensibilidade é insignificante. A diferença relevante está na relação entre os mais e os menos sensíveis: nos dois primeiros grupos etários é de 44 pontos percentuais e no mais velho é de 45 pontos.

TABELA 17 - Cruzamento entre *background* rural e sexo.

SEXO BACKGR. RUR.	APLICAÇÃO/TOTAL = % PROBABILIDADE	
	Masculino	Feminino
+	976/1899 = 51	472/1539 = 31
-	341/935 = 36	181/511 = 35

GRAFICO 17 -



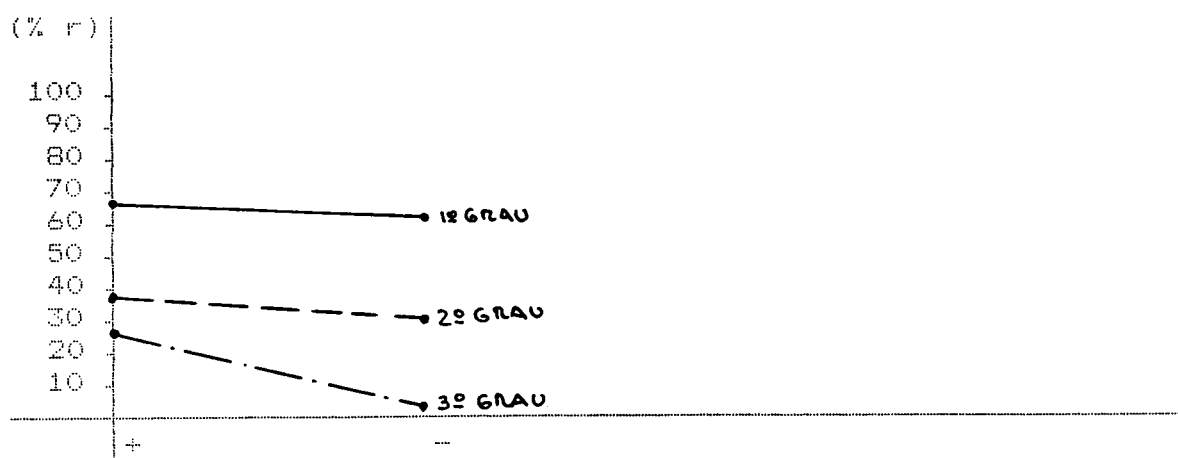
A diferença geral entre homens e mulheres (tabela 1) é sustentada pela diferença entre informantes masculinos e femininos com *background* rural. Entre os que não apresentam

background rural a diferença praticamente não existe: é de apenas 1 ponto percentual. Os homens que possuem *background* rural apresentam 15 pontos percentuais a mais da variante estigmatizada do que aqueles que não possuem. No grupo feminino, as mulheres com *background* não-rural privilegiam ligeiramente a variante não-padrão.

TABELA 18 - Cruzamento entre *background* rural e escolaridade.

ESCOLARIDADE B. RUR.	APLICAÇÃO/TOTAL = %		
	1º grau	2º grau	3º grau
+	615/915 = 67	507/1348 = 38	326/1175 = 28
-	391/589 = 66	124/389 = 32	7/468 = 1

GRAFICO 18 --



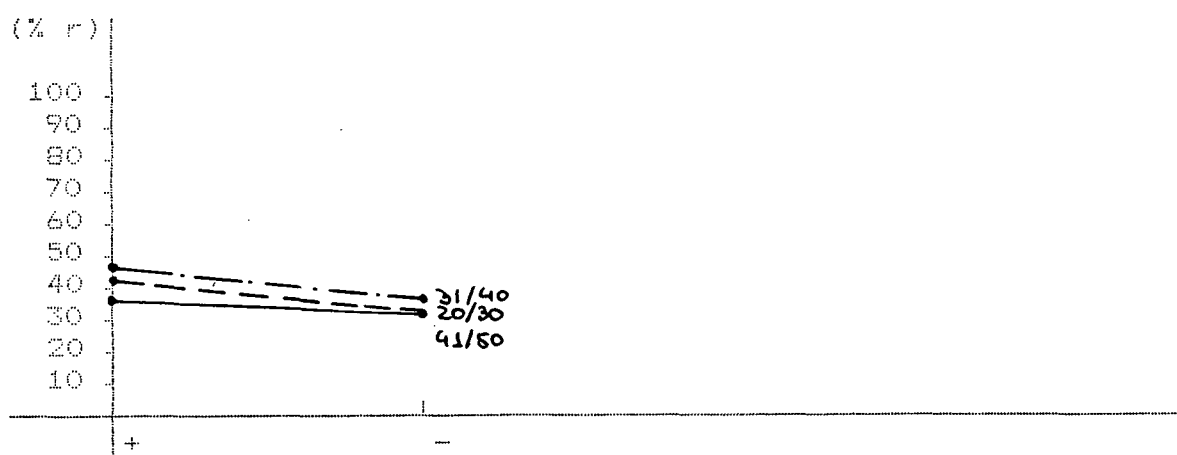
Entre os falantes com *background* rural, podemos considerar os dois últimos níveis de escolaridade como formadores de um só bloco, o mesmo não se podendo dizer

daqueles cujo *background* é não-rural. Neste grupo, a diferença do 2º para o 3º grau é de 31 pontos percentuais - somente 3 pontos a menos que a diferença encontrada do 1º para o 2º grau, de modo que se tem aqui três blocos bem definidos. Isto quer dizer que a escolaridade tem maior efeito diferenciador entre os que não têm *background* rural. De outra parte, é notável a diferença entre os informantes de 3º grau, segundo tenham ou não *background* rural: 27 pontos percentuais.

TABELA 19 - Cruzamento entre *background* rural e idade.

IDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %			
	B. RUR.	20 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos
+		408/1106 = 37	482/1009 = 48	558/1323 = 42
-		116/334 = 35	260/698 = 37	146/414 = 35

GRAFICO 19 -



Entre os falantes que não possuem *background* rural o padrão de distribuição freqüencial segundo os grupos etários não apresenta diferenças significativas. Entre aqueles com *background* rural, apenas o grupo de 31 a 40 anos se destaca: apresenta 11 p.p. a mais da variante estigmatizada em relação ao grupo mais jovem e 6 pontos em relação aos informantes da faixa de 41 a 50 anos.

Com respeito aos condicionadores lingüísticos, obtivemos as seguintes tabelas:

TABELA 20 - Contexto Fonológico Precedente à variante /r/.

Contextos	Aplicação/Total = %
p	924/2203 = 42
t	9/10 = 90
k	442/1189 = 37
b	427/950 = 45
g	33/158 = 21
f	135/374 = 36

Qui-quadrado crítico 9,49

Qui-quadrado calculado 44,74

TABELA 21 - Contexto Fonológico Seguinte à variante /r/*

Contextos	Aplicação/Total = %
a	162/469 = 34
ã	485/1238 = 39
e	16/42 = 38
é	41/108 = 38
ê	385/876 = 44
i	213/374 = 57
í	86/245 = 35
o	58/225 = 26
ó	3/13 = 23
ô	0/2 = 0
u	521/1292 = 40

Qui-quadrado crítico 3,33

Qui-quadrado calculado ... 79,48

TABELA 22 - Tonicidade

Fatores	Aplicação/ Total = %
Oxítone	446/1073 = 42
Paroxí- tone	1474/3700 = 40
Proparo- xítone	50/111 = 45

Qui-quadrado crítico 5,99

Qui-quadrado calculado 1,92

Os resultados do teste de qui-quadrado nos mostram que há influência dos contextos fonológicos precedentes e seguintes sobre a alternância entre /r/ e /l/ nos encontros consonantais e que a tonicidade não atua nesse processo.

Quanto ao contexto fonológico precedente, a oclusiva /t/ mostrou maior condicionamento à variante estigmatizada. No entanto, é necessário considerar que esse segmento aparece em pequeno número, no *corpus* obtido. A oclusiva /g/ mostrou menor correlação com /r/. É de se considerar que o número de palavras com esse fonema é também reduzido.

Em relação ao contexto fonológico seguinte, à exceção de /õ/, que foi registrado em apenas dois vocábulos do *corpus*, a vogal /o/ foi a que menos favoreceu a alternância, enquanto a vogal /i/ se revelou a mais favorecedora.

Relativamente à tonicidade, as diferenças percentuais são mínimas e não significativas.

Finalizando, apresentaremos o quadro referente à consciência da estigmatização de /r/ manifestada pelos falantes, distribuídos de acordo com sexo e escolaridade, mediante o pressuposto de que a consciência da estigmatização aumenta proporcionalmente ao maior nível de escolaridade e no sexo feminino.

QUADRO 3 - Atitude dos informantes em relação à variante /r/, segundo sexo e escolaridade.

	Sexo	Esc.	Atitude em relação a /r/				A forma /r/ estigmatizada		
			+	-	n	Tot.	Sim	Não	Tot.
	F	1 ^ª	1	4	10	15	5	10	15
	F	2 ^ª	2	9	4	15	12	3	15
	F	3 ^ª	1	11	3	15	14	1	15
	M	1 ^ª	0	3	12	15	5	10	15
	M	2 ^ª	3	6	6	15	8	7	15
	M	3 ^ª	0	10	5	15	12	3	15
TOTAL			7	43	40	90	56	34	90

Legenda: (+) - Atitude positiva
 (-) - Atitude negativa
 (n) - Atitude neutra

A consciência da estigmatização social de /r/ cresce à medida que se eleva o nível de escolarização, sendo também mais acentuada no grupo feminino.

Um dos nossos objetivos, neste trabalho, era verificar se os falantes percebiam que /r/ é socialmente estigmatizado e os resultados desse quadro nos permitem afirmar que a maioria se dá conta desse fato, ou seja 56 informantes respondem "sim" à pergunta se consideram ou não a forma estigmatizada - o equivalente a 61 % dos entrevistados.

Outra informação, que não consta desse quadro, é que, dos 90 informantes, 52 associam /r/ a profissões tais como

pedreiro, carpinteiro e a pessoas que "não tiveram estudo", conforme resposta de alguns informantes.

É interessante notar, ainda, que a maioria dos informantes associa /r/ à região do sul de Minas e /l/ às cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e ao Estado do Rio Grande do Sul.

CAPITULO IV

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nossa proposta, neste capítulo, é analisar a atuação das variáveis apresentadas.

Os resultados obtidos no teste de qui-quadrado revelaram a significância de todos os fatores abordados, à exceção de tonicidade. A escolaridade parece atuar de maneira particularmente forte, corroborando resultados de outros trabalhos*. Tal é sua relevância, que o grupo de sociolinguistas cariocas que redigiu o Relatório "Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação" afirma que

... a escolaridade do falante é a variável social que atua de maneira mais constante e regular no sentido de privilegiar a variante padrão. Constantemente por ser, entre as variáveis sociais a que maior número de fenômenos influencia; regularmente, já que sua correlação com a idade faz-se sentir sempre no mesmo sentido, diretamente proporcional ao emprego das formas padrão¹⁷⁽¹²³⁾.

Levando em consideração a afirmação de MAGDA SOARES (1986), de que

* - Ver revisão bibliográfica do RELATÓRIO "PROJETO SUBSÍDIOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO PROJETO CENSO À EDUCAÇÃO", Melissa e Paiva, Head.

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes...usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada^{22(15 e 17)}.

não é de se estranhar que a escola exerça pressão normativa sobre o comportamento linguístico dos indivíduos e que a escolarização seja fator social de grande importância no estudo de fenômenos em variação na língua.

Na Tabela 2, do presente trabalho, temos a primeira evidência do peso da escolaridade, ao constatarmos que há uma queda brusca da taxa de /r/ do 1º para o 3º grau, reafirmando que a variante padrão é largamente determinada pelo maior nível de escolaridade.

O 1º grau, por sua vez, nunca produz diferença relevante entre os seus membros e isto pode ser devido ao fato de esse grupo ser o menos privilegiado socialmente. Apesar de não estarmos trabalhando com classe social, neste estudo, sabemos que, no Brasil, somente as classes mais favorecidas têm acesso pleno à escola e que a variante estigmatizada é associada de alguma forma às classes menos favorecidas²⁰⁽¹⁴⁾.

No cruzamento de escolaridade com sexo - Tabela 5 -, é possível notar que a escolarização produz menor efeito diferenciador quanto a /l/ e /r/ entre os homens. Uma das explicações para esse fato é que a sociedade exige e/ou espera comportamentos diferentes de cada sexo. A escola, como instituição social, não poderia agir de outra forma. Enquanto às mulheres é cobrado um comportamento padrão - e elas respondem sendo estudiosas, bem comportadas e competindo

sempre pelos primeiros lugares -, aos homens são cobradas atitudes inversas.

Outra explicação, no caso específico desse estudo, é que na comunidade onde se realizou a pesquisa, as mulheres geralmente exercem a profissão de professoras, em vista de o mercado de trabalho ser extremamente restrito. Em nossa amostra temos, em cada nível de escolaridade, 15 informantes do sexo feminino e 15 do masculino. Das mulheres de 3º grau, 9 estão ligadas à área do ensino, enquanto apenas 2 homens desse grupo praticam a mesma atividade. No 2º grau, 6 das mulheres são professoras e nenhum dos homens exerce esta profissão. Uma das constatações de MOLLICA e PAIVA (1987) é que

o nível de instrução em si não é tão importante quanto estar sob o efeito da pressão escolar. De fato, é de se esperar que o espaço escolar cumpra uma de suas principais funções, a de fazer preponderar o padrão culto sobre os demais¹⁶ (202).

Ora, e a quem cabe essa função? Sendo os professores os responsáveis pela transmissão da norma culta, a escola lhes impõe o comportamento lingüístico padrão de maneira mais rigorosa do que aos próprios alunos e é viável supor que a diferença percentual existente entre os dois sexos, principalmente no 3º grau (ver Tabela 5), seja atribuída ao fato de as mulheres serem as que mais detêm o cargo de transmissão da norma padrão imposta pela escola.

Na Tabela 6, que cruza escolaridade com idade, verificamos que há diferença entre os mais jovens e mais

velhos a partir do 2º grau. Nesse nível, os mais jovens respondem melhor à escolarização, enquanto no 3º grau são os mais velhos os mais suscetíveis a ela, indo ao encontro dos resultados obtidos por KEMP¹⁷⁽¹⁹⁾, em Montréal. Era de se esperar, entretanto, que os falantes de 20 a 30 anos de 3º grau usassem menos /r/ do que aqueles da mesma faixa etária de 2º grau, mas ocorre o contrário. Há duas explicações plausíveis. Em primeiro lugar, os jovens de 3º grau ou já têm emprego ou pertencem a famílias que têm condições de lhes sustentar por mais tempo do que os pais daqueles jovens de 2º grau. Como consequência, há muita concorrência entre as pessoas desse último grupo. Além de competirem entre si, precisam ir à procura de emprego antes dos de 3º grau, na tentativa de obterem os melhores cargos - que são poucos, numa cidade do porte de Botelhos -, e para isso é necessário usar de todas as armas disponíveis, sendo a linguagem, talvez, a principal delas. Em segundo lugar, não é descabido compararmos os jovens botelhenses àqueles da ilha de Martha's Vineyard, pesquisada por LABOV em 1963. Nessa comunidade, os turistas do continente - que no verão invadiam a ilha - provocaram mudanças sociais profundas, que tiveram como consequência comportamentos lingüísticos interessantes por parte dos moradores. Havia, na ilha, duas maneiras de se pronunciar o primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/. A variante local, não-padrão e estigmatizada é a pronúncia de /a/ como /ə/. A outra variante, trazida pelos veranistas à ilha, é de prestígio e se assemelha à pronúncia do inglês-padrão. A variante típica dos moradores de Martha's Vineyard,

embora não-padrão, é a forma lingüística mais forte na comunidade e pronunciada com exagero, principalmente pelos membros mais jovens que, depois de algum tempo de permanência no continente, voltaram e se estabeleceram na ilha. Isso se deve ao fato de que, com a invasão dos turistas e conseqüente exploração econômica que ela trazia, os habitantes adotaram um comportamento lingüístico que os diferenciava, com o objetivo de delimitar sua identidade cultural e os jovens queriam deixar isto ainda mais patente. Semelhante parece ser o caso dos jovens de 3º grau em Botelhos: eles saem da cidade para estudar - alguns, indo e voltando diariamente, outros, morando temporariamente em cidades maiores, voltando à terra natal após concluírem a universidade -, e adquirem a consciência da estigmatização de /r/*, pois é sabido que algumas regiões de Minas são alvos de brincadeiras e zombarias quanto ao seu dialeto, por parte de pessoas de dialetos diferentes. Dos 30 universitários entrevistados, 6 mulheres e 3 homens fizeram comentários a respeito das zombarias que recebem em virtude de falarem "errado" e de acentuarem a retroflexão do /r/ pós-vocálico. Ainda assim, esses jovens usam mais a variante estigmatizada do que os de 2º grau. Assim como os jovens de Martha's Vineyard acentuavam a variante estigmatizada para se marcarem como "vineyardenses", os jovens botelhenses de 3º grau podem estar usando mais o mesmo tipo de variante para marcar suas características de mineiros, orgulhosos que são de sua cultura.

* - Ver quadro à página 56 deste trabalho.

O escore de /r/ dos informantes de 31 a 40 anos é muito mais próximo do escore dos jovens mencionados acima do que das pessoas de 41 a 50 anos e pode ser atribuído ao fato de os dois primeiros grupos manterem mais contato entre si, por freqüentarem os mesmos tipos de ambientes. Os mais velhos, por sua vez, procuram mais a companhia das pessoas de sua própria faixa etária, caracterizando, assim, um natural distanciamento das primeiras.

Podemos confirmar a importância da escolaridade ao analisarmos o seu cruzamento com os fatores não-estratificados. Na Tabela 12 (escolaridade e mídia), por exemplo, as pessoas de 3^o grau são as que menos usam a variante estigmatizada, quer no grupo mais exposto aos meios de comunicação quer naquele menos exposto.

Analisando a Tabela 9, é possível afirmar que o grau de sensibilidade lingüística é também fundamental na escolha das variantes lingüísticas, uma vez que os informantes mais sensíveis à diversificação na língua usam muito menos o segmento /r/ do que aqueles com menor grau de sensibilidade lingüística, corroborando o pressuposto feito pelos sociolingüistas cariocas de que as crenças em relação à linguagem exercem influência sobre o modo de falar dos indivíduos.

A Tabela 15 nos permite dizer que a escolaridade atua tanto nos falantes menos sensíveis quanto nos mais sensíveis, embora nesses últimos de maneira muito mais marcante.

A Tabela 18, por sua vez, deixa claro que o nível de escolarização exerce maior influência entre os informantes

com *background* não-rural - fazendo com que seu escore de /r/ seja mais baixo - do que entre os que possuem antecedentes rurais ; isto parece natural , considerando que estes tiveram maior contato com a zona rural, onde supostamente o uso de /r/ é mais generalizado do que na área urbana.

Passando à análise do fator idade , percebemos que na Tabela 3 havia pouca diferença entre as percentagens de /r/ nas três faixas etárias, com apenas ligeiro favorecimento ao grupo intermediário. Essa diferença aumenta quando cruzamos sexo e idade, porém ainda não nos parece digna de nota (ver Tabela 7). Por esse motivo, podemos supor que a alternância entre as consoantes líquidas no grupo consonantal é um fenômeno estável. Ademais, analisamos apenas três faixas etárias, número insuficiente para nos permitir investigar se há mudança lingüística em curso.

É necessário explicar, ainda, o fato de as mulheres mais velhas usarem menos a variante estigmatizada. Encontramos, à página 132 do Relatório supracitado, que as mulheres de mais idade utilizam mais freqüentemente as formas-padrão em decorrência da escolarização. Pensamos, todavia, que essa explicação é válida para as mulheres como um todo e não apenas para as mais velhas. À nosso ver, essas usam mais a variante padrão não só como consequência da escolarização, mas também pelo fato de terem sido educadas dentro de padrões mais rigorosos do que as mulheres das outras faixas etárias, considerando que a sociedade vem mostrando maior flexibilidade quanto ao comportamento feminino e ao papel desempenhado pelas mulheres.

Na Tabela 8, já havíamos percebido que a mídia é fator importante, pois a diferença entre os mais e os menos expostos a ela é de 11 pontos percentuais. A influência da norma-padrão veiculada pela mídia é tão grande sobre o sexo feminino que até as mulheres que apresentam menor exposição a ela têm taxa de /r/ menor que a dos homens com maior tempo de exposição à mesma (Tabela 11).

Considerando que as mulheres normalmente usam mais as formas-padrão do que os homens, esperávamos que as de nossa amostra, independentemente do grau de sensibilidade, também privilegiassem a variante culta, mas isto é verdadeiro apenas para as mulheres mais sensíveis, contrariando nossas expectativas (ver Tabela 14). Interessante notar que, dos três fenômenos que mostraram correlação com sensibilidade lingüística, no Relatório supracitado, o fator tendeu a privilegiar os homens.

Na Tabela 17, o grupo feminino com *background* não-rural também contraria as expectativas, pois usa mais /r/ do que aquele com *background* rural. Apesar de a diferença ser pequena (4 p.p.), é possível afirmar que as mulheres com antecedentes rurais possuem maior consciência da norma padrão do que aquelas que não possuem antecedentes rurais.

Em relação ao cruzamento dos fatores idade e mídia percebemos que a variante padrão está mais associada aos falantes de 20 a 30 anos e nos de 41 a 50 anos com maior tempo de exposição à mídia e, estranhamente, no grupo de idade entre 31 e 40 anos com menor exposição (ver Tabela 13). É possível que esses resultados estejam associados ao tempo

efetivo que o falante passa diante da televisão ou ouvindo rádio, mas não havia meios para se medir com segurança esse tempo e fazer comparações.

A sensibilidade lingüística parece não ter correlação com idade, pois a diferença existente entre as faixas etárias é mínima tanto no grupo mais sensível quanto naquele com menor grau de sensibilidade (ver Tabela 16).

Já na Tabela 19, a idade parece não exercer influência nos falantes. Apenas diferenciam-se aqueles da faixa etária entre 31 a 40 anos com background rural, que apresentam taxa de /r/ 11 pontos percentuais superior aos mais jovens e 6 p.p. superior ao escore dos mais velhos. Como o grupo de 31 a 40 anos mostrou maior tendência ao uso da variante estigmatizada — ainda que ligeiramente, no decorrer deste estudo — à exceção daqueles com menor exposição à mídia (tabela 13) —, é viável supor que esse grupo não vê muita necessidade em monitorar sua fala, constituindo o mais seguro lingüisticamente.

Finalmente, quanto aos condicionamentos lingüísticos, o fato de os contextos fonológicos precedentes e seguintes terem se revelado pertinentes na distribuição dos segmentos líquidos nos surpreendeu, uma vez que nossa hipótese previa o contrário. Portanto, os resultados obtidos confirmam os estudos que vêm sendo feitos em variação fonológica.

CONCLUSÃO

A alternância entre as líquidas no grupo consonantal, analisada sob a perspectiva da Teoria da Variação - conforme objetivo estabelecido na introdução deste trabalho - é fenômeno altamente condicionado do ponto de vista social, uma vez que apresenta correlação tanto com as variáveis estratificadas quanto com as não-estratificadas. Dos condicionamentos lingüísticos propostos, os contextos fonológicos precedentes e seguintes mostraram-se correlacionados à troca de /l/ por /r/ em encontros consonantais, enquanto o fator tonicidade não apresentou nenhuma correlação.

Dentre as variáveis sociais estratificadas, a escolaridade parece atuar de maneira particular, já que se pôde notar forte correlação entre a variante estigmatizada e 1º grau e variante padrão e 3º grau em todas as tabelas em que essa variável foi focalizada.

O processo de alternância em estudo também se mostrou condicionado pelo fator sexo, reforçando a tese de que as mulheres privilegiam a forma padrão.

Das variáveis sociais não-estratificadas, sensibilidade lingüística é o fator que maior influência exerce sobre a distribuição das variantes lingüísticas estudadas, de acordo com as percentagens obtidas - constatamos que o maior grau de sensibilidade favorece

sobremaneira o uso da variante padrão, enquanto os falantes menos sensíveis à diversidade na língua privilegiam a variante estigmatizada.

A influência do estilo de fala também foi constatada. Os informantes, em situações mais formais, favorecem a variante padrão, com exceção daqueles pertencentes ao 2º grau e os da faixa etária entre 31-40 anos - grupos "especiais".

Das hipóteses formuladas ao início deste trabalho, todas se confirmaram, à exceção daquelas que dizem respeito aos contextos fonológicos precedentes e seguintes.

É possível que outros fatores lingüísticos possam ser correlacionados ao processo de variação entre as líquidas no grupo consonantal, mas não pretendemos abordar todos os fatores que nos parecem relevantes, neste estudo. Deixamos, portanto, para investigações posteriores a análise de variáveis tais como contextos fônicos anteriores e posteriores aos vocábulos em que ocorre a alternância entre /l/ e /r/ e posição do grupo consonantal na palavra. A atuação dos contextos fônicos pode ser exemplificada da seguinte maneira: uma palavra com /r/ pode levar o falante à troca de /l/ por /r/ na palavra imediatamente anterior ou posterior, isto é, "blusa branca" seria pronunciada como /bruza brãka/, "próprio clima" como /pɾɔpɾiu kɫima/. Em relação à posição do grupo consonantal na palavra, pensamos que /r/ pode emergir mais ou menos dependendo de o seu encontro com outra consoante se dar em início, meio ou final de palavra.

É possível, ainda, supor que a variante /r/ seja mais favorecida em palavras do campo semântico relativo à agricultura, em razão do valor social dessa variante estar muito ligado aos falantes do meio rural.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- 1 CHAMBERS, J. K. and TRUDGILL, P. Dialectology. Cambridge University Press, 1980.
- 2 CHOMSKY, N. Aspects of the Theory of Syntax, MIT Press, Cambridge, Massachussets, 1965.
- 3 DITTMAR, N. Sociolinguistics. A Critical Survey of Theory and Application. London, Edward Arnold, 1976.
- 4 DOWNES, W. Language and Society. Fontana Linguistics, London, 1984.
- 5 FISHER, J. L. Social Influences in the Choice of a Linguistic Variant. In WORD, 18, pp. 47-56, 1958.
- 6 FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. (Organizadoras) Sociolinguística. Coleção ENFOQUE. Eldorado, Rio de Janeiro, 1974.
- 7 FRANCIS, W. N. Dialectology: an Introduction, Longman Linguistics Library, London and New York, 1983.
- 8 HEAD, B. F. A Alternância entre Consoantes Líquidas: um caso de condicionamento múltiplo. XII Anais de Seminários do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), São José do Rio Preto, 1985, pp. 142-158.
- 9 HUDSON, R. A. Sociolinguistics. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- 10 JORNAL "FOLHA DE SÃO PAULO" - 06/09/1989.
- 11 LABOV, W. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- 12 LEVIN, J. Estatística Aplicada a Ciências Humanas. Segunda Edição, Habra, São Paulo, 1987.
- 13 LYONS, J. (Org.). Novos Horizontes em Lingüística. São Paulo. Cultrix e Ed. Universidade de São Paulo, 1976.
- 14 _____. Linguagem e Lingüística. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- 15 MARCUSCHI, L. Linguagem e Classes Sociais. Ed. Movimento. Porto Alegre, 1975.

- 16 MOLLICA, M. C. de M. e PAIVA, N. da C. A. de. Condicionamentos Sociais na Alternância das Línguas na Fala Carioca. XV Anais de Seminários do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), Santos, 1987, pp. 256-265.
- 17 RELATÓRIO FINAL: SUBSIDIOS SOCIOLINGÜISTICOS DO PROJETO CENSO A EDUCAÇÃO. VOLUME I. FINEP/UFRJ, 1986.
- 18 RELATÓRIO FINAL: SUBSIDIOS SOCIOLINGÜISTICOS DO PROJETO CENSO A EDUCAÇÃO. VOLUME III. FINEP/UFRJ, 1986.
- 19 REVISTA "VEJA" - 23/09/1989.
- 20 ROMUALDO, J. de A. Linguagem e Estratificação Social. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos 2, pp. 11-22, 1981.
- 21 SANKOFF, G. The Social Life of Language. University of Pennsylvania Press, 1980.
- 22 SOARES, M. Linguagem e Escola. Uma Perspectiva Social. São Paulo, Atica, 1986.
- 23 TARALLO, F. A Pesquisa Sociolingüística. São Paulo, Atica, 1985.
- 24 _____. e ALKMIN, T. Falares Crioulos. Línguas em Contato. São Paulo, Atica, 1987.
- 25 _____. (org.) Fotografias Sociolingüísticas. Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- 26 TRUDGILL, P. An Introduction to Language and Society. Penguin Books, 1974.
- 27 _____. The Social Differentiation of English in Norwich. London, Cambridge University Press, 1974.

ANEXO

QUESTIONARIO- GUIA DE ENTREVISTA

- 1- Qual é o seu nome?
- 2- Qual é a sua idade?
- 3- Qual é o seu grau de instrução?
- 4- Você nasceu em Botelhos?
(Se resposta negativa: Com quantos anos veio morar aqui?)
- 5- Você já morou em outras cidades?
- 6- Qual é a sua profissão?
- 7- Você trabalha nessa profissão?
- 8- Qual é a sua renda aproximada?
- 9- Como é um dia normal seu?
- 10- O que você costuma fazer nos fins de semana?
- 11- O que faz nos feriados longos?
- 12- O que costuma fazer nas férias?
- 13- Quais são as principais festas, na cidade?
- 14- Fale-me sobre as festas de alguns anos antes e sobre as de agora.
- 15- Você se sente satisfeito morando aqui?
- 16- O que falta na cidade?
- 17- Compare a vida da cidade grande com a vida da cidade pequena.
- 18- O município produz o quê?
- 19- Se você fosse fazendeiro, o que produziria?
(Ou: o que você produz na sua fazenda?)
- 20- Você já produziu algo, na agricultura?
- 21- Quais as dificuldades do agricultor da região?
- 22- Quais as dificuldades das pessoas, hoje em dia?

- 23- O que os políticos têm feito a nível municipal e nacional?
- 24- O que você achou do plano cruzado?
- 25- Quais são suas esperanças no governo brasileiro?
- 26- Quais são suas queixas do governo?
- 27- Se você fosse prefeito ou presidente, quais seriam suas prioridades?
- 28- Quais são as maiores dificuldades que você já enfrentou ou enfrenta?
- 29- Como foi sua infância?
- 30- E sua adolescência?
- 31- Conte-me sobre as suas brincadeiras, namoros...
- 32- Como são os namoros de hoje?
- 33- O que você acha do casamento?
- 34- Fale-me sobre o adultério.
- 35- O que você pensa do aborto?
- 36- E das drogas?
- 37- O que você pensa da situação do negro?
- 38- E da situação da mulher?
- 39- E do preconceito social?
- 40- Você tem medo da aids?
- 41- Você já esteve em alguma situação de perigo?
- 42- E na família, já aconteceu alguma situação perigosa?
- 43- E com amigos?
- 44- Como é seu relacionamento com a família?
- 45- E com as outras pessoas?
- 46- Quais os programas de televisão que costuma assistir?
- 47- Fale-me sobre as histórias das novelas a que você assiste.
- 48- Qual o tipo de música que você gosta?
- 49- Conte-me a história de um filme que tenha gostado.

50- Conte-me a estória de um livro que tenha lido.

51- Você gosta de esportes? Como está o futebol brasileiro?
Quais são os melhores times do Brasil?

52- Como se deve criar um filho?

53- Como está a educação no país?

54- Qual é o maior sonho da sua vida?

TESTE DE ESTILO

1) Estilo Leitura de Texto

MAIS UM FLA-FLU NO MARACANÃ

Para a alegria de todos os brasileiros, o Flamengo jogará com o Fluminense mais uma vez, no Maracanã, e desta vez em plena quarta-feira!

A rede globo de televisão vai transmitir esse grande clássico do futebol com exclusividade, menos para o Planalto Central e para a cidade de Blumenau, em Santa Catarina, pois nestas áreas houve pane na aparelhagem e a transmissão não seria boa e clara.

Reúna o seu bloco, pegue a sua BHRAMA e fique ligado no clic-clic global! Hoje teremos a participação de Cláudio Adão e do grande Platini, um dos maiores nomes do futebol mundial!

É a rede globo e você, em mais um FLA-FLU!

2) Estilo Leitura de Lista de Palavras

FLA-FLU	Exclusividade	Global
Flamengo	Planalto	Claudio
Fluminense	Blumenau	Platini
Plena	Clara	Globo
Globo	Bloco	FLA-FLU
Clássico	Clic-clic	

LOCALIZAÇÃO DA CIDADE



FICHA SOCIAL DOS INFORMANTES

Informante número 1

Idade 27 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão DENTISTA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 2

Idade 29 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão BALCONISTA
 Mídia -
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 3

Idade 25 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 4

Idade 23 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão BANCARIO
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 5

Idade 31 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão ELETRICISTA DE AUTOMÓVEL
 Mídia -
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 6

Idade 25 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão FEIRANTE
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 7

Idade 39 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão DENTISTA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 8

Idade 33 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão PSICÓLOGO
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 9

Idade 28 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão PROFESSOR, FUNCIONARIO PÚBLICO
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 10

Idade	33 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	COMERCIANTE
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 11

Idade	33 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	ARRUMADEIRA
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 12

Idade	43 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	DONA DE CASA
Mídia	+
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 13

Idade	34 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	BALCONISTA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 14

Idade	39 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	COSTUREIRA
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 15

Idade 43 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão PROFESSORA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 16

Idade 35 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão PROFESSORA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 17

Idade 44 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão BANCARIA
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 18

Idade 30 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão DENTISTA
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 19

Idade 24 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão BANCARIO
 Mídia +
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 20

Idade	21 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	PROFESSORA
Mídia	+
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 21

Idade	44 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	ENGENHEIRO AGRÔNOMO
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 22

Idade	25 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	ENFERMEIRA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 23

Idade	23 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	INDUSTRIARIA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 24

Idade	28 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	MOTORISTA DE CAMINHÃO
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 25

Idade	43 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	AGRICULTOR
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 26

Idade	42
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	FAZENDEIRO
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 27

Idade	28
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	SECRETARIA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 28

Idade	25 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	BANCARIO
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 29

Idade	28 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	COMERCIANTE
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 30

Idade 49 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão AGRICULTORA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 31

Idade 36 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão DONA DE CASA
 Mídia +
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 32

Idade 47 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão CORRETOR DE IMÓVEIS
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 33

Idade 47 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão COMERCIANTE
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 34

Idade 25 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão MECANICO
 Mídia +
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 35

Idade	45 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	FUNCIONARIO PUBLICO
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 36

Idade	31 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	AÇOUGUEIRO
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 37

Idade	32 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	BANCARIO
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 38

Idade	41 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	ADVOGADO
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 39

Idade	34 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	TÉCNICO EM ELETRÔNICA
Mídia	+
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 40

Idade 48 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão ADVOGADO
 Mídia -
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 41

Idade 49 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão FUNCIONARIO PUBLICO
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 42

Idade 29 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão MANICURE
 Mídia +
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 43

Idade 25 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão PROFESSORA
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 44

Idade 48 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão COMERCIANTE
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 45

Idade	33 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	FAZENDEIRO
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 46

Idade	37 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	PRATICO EM ELETRÔNICA
Mídia	+
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 47

Idade	42 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	PROFESSORA
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 48

Idade	26 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	ESTUDANTE E PROFESSORA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 49

Idade	45 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	PROFESSORA APOSENTADA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 50

Idade	33 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	PINTOR DE PAREDES
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 51

Idade	35 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	BANCARIO
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 52

Idade	42 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	PROFESSORA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 53

Idade	39 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	DONA DE CASA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 54

Idade	37 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	PROFESSORA
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 55

Idade 29 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão DONA DE CASA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 56

Idade 43 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão SERVENTE
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 57

Idade 43 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão PROFESSORA APOSENTADA
 Mídia +
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 58

Idade 50 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão COSTUREIRA
 Mídia -
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 59

Idade 35 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão DOMÉSTICA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 60

Idade 41 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão PROFESSORA
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 61

Idade 30 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão DONA DE CASA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 62

Idade 27 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão COMERCIANTE
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 63

Idade 23 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 64

Idade 25 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão BALCONISTA
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 65

Idade 44 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão FAZENDEIRO
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 66

Idade 37 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão PROFESSORA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 67

Idade 48 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão FAZENDEIRO
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 68

Idade 23 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão BALCONISTA
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 69

Idade 47 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão DOCEIRA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 70

Idade 45 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão DONA DE CASA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 71

Idade 28 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão DONA DE CASA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 72

Idade 32 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão ESCRITURARIO
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 73

Idade 24 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão ESTOFADOR
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 74

Idade 21 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão TÉCNICO EM CONTABILIDADE
 Mídia -
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 75

Idade 44 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão BANCARIO
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 76

Idade 32 ANOS
 Sexo MASCULINO
 Escolaridade TERCEIRO GRAU
 Profissão COMERCIANTE
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 77

Idade 42 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade PRIMEIRO GRAU
 Profissão INDUSTRIARIA
 Mídia -
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 78

Idade 32 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão BANCARIA
 Mídia +
 Background rural -
 Sensibilidade lingüística ... -

Informante número 79

Idade 40 ANOS
 Sexo FEMININO
 Escolaridade SEGUNDO GRAU
 Profissão PROFESSORA
 Mídia +
 Background rural +
 Sensibilidade lingüística ... +

Informante número 80

Idade	33 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	COMERCIANTE
Mídia	+
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 81

Idade	38 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	PROFESSORA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 82

Idade	38 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	FAZENDEIRO
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 83

Idade	41 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	PROFESSORA
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 84

Idade	37 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	SECRETARIA
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 85

Idade	26 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	BANCARIO
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	-

Informante número 86

Idade	42 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	COMERCIANTE
Mídia	+
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 87

Idade	32 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	MÉDICO
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 88

Idade	46 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	TERCEIRO GRAU
Profissão	ADVOGADO, PROFESSOR
Mídia	-
Background rural	-
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 89

Idade	29 ANOS
Sexo	MASCULINO
Escolaridade	SEGUNDO GRAU
Profissão	COMERCIANTE
Mídia	+
Background rural	+
Sensibilidade lingüística ...	+

Informante número 90

Idade	40 ANOS
Sexo	FEMININO
Escolaridade	PRIMEIRO GRAU
Profissão	DONA DE CASA
Mídia	-
Background rural	+
Sensibilidade lingüística- ...	-